



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NAYARA TEIXEIRA DE SOUZA MATOS**

**A POTÊNCIA FORMATIVA DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA:  
DIÁLOGO DA LITERATURA DAS RUAS COM OUTROS ESPAÇOS DE SABERES**

Rio de Janeiro

2022

**NAYARA TEIXEIRA DE SOUZA MATOS**

**A POTÊNCIA FORMATIVA DA LITERATURA MARGINAL-PERIFÉRICA:  
DIÁLOGO DA LITERATURA DAS RUAS COM OUTROS ESPAÇOS DE SABERES**

Monografia apresentada como pré-requisito para  
conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Baroni

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Profa. Dra. Patrícia Baroni**

**UFRJ**

---

**Prof. Dr. Gustavo Coelho**

**UERJ**

---

**Prof. Ms. William Melo**

**UFRJ**

*Dedico este trabalho aos meus avós maternos (in memoriam), que não puderam em vida ver minha trajetória, mas criaram minha mãe para me formar da melhor maneira possível. Dedico também à minha avó paterna Maria Zoé, que me dá o privilégio de aprender cada dia mais com sua história de vida de lutas e conquistas.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Nilcéa e Domingos, e ao meu irmão Wanderley, por todo apoio durante toda a minha vida. Por sempre me incentivarem a ter ânimo para seguir com os estudos mesmo quando a rotina tripla de trabalho-estágio-faculdade me empurrava para a exaustão. Só nós sabemos das nossas lutas e como nossa união superou tudo. Obrigada por serem meu porto seguro.

Agradeço a todas as pessoas da minha família: tias, tios, primas e primos, por sempre me acolherem e sempre se alegrarem com as minhas conquistas.

Agradeço à minha amiga Rosane de Assis por me ajudar em tantos pontos que nem caberiam em uma página se fosse descrever. Acredito que nosso encontro nessa vida vai para além do plano concreto: é um encontro de almas. Você me faz ter certeza que nossos passos vêm de longe. Por hora, resumo meu sentimento a agradecimento por me inspirar a seguir acreditando no nosso potencial de transformação do mundo ao nosso redor.

Agradeço aos meus amigos que conheci no trabalho, mas já fazem parte da minha vida de forma muito intensa: Carlos Mendes, Jéssica Ferreira e Raphael Carvalho. Obrigada Carlos por ser meu exemplo de foco e dedicação incessante, além de ser inspiração na vida com toda a generosidade que tem em seu coração. Obrigada Jéssica por me ensinar tanto com seu jeitinho de ser e sempre ter um abraço físico ou verbal para me oferecer. E o que falar de você, Rapha? Quem literalmente segurou minha mão em um dos momentos em que eu mais precisei nos últimos anos. Quem acompanhou minhas lágrimas mais desesperadas e minhas risadas mais verdadeiras. Dividimos nossas alegrias e tristezas no desenrolar dessa amizade que, mesmo com as distâncias, permanece sincera.

Agradeço às minhas amigas de vida Helena Basílio e Cleide Gomes por torcerem incondicionalmente por mim, não importando distância ou tempo. Obrigada por me inspirarem com suas histórias de vida de muita determinação.

Agradeço às minhas amigas Ana Carolina Souza e Débora Lima por serem minhas parceiras fiéis de grupo de trabalho durante a graduação aqui na UFRJ. Obrigada por me inspirarem como mulheres fortes que lutaram todos os dias para permanecer na universidade e ainda dar conta de tantas demandas na vida pessoal.

Agradeço a todos os poetas periféricos por seguirem recitando e escrevendo suas vivências e, conseqüentemente, revolucionando o mundo.

Agradeço ao Akins Kintê, Josi de Paula e William Melo por, generosamente, compartilharem suas narrativas no decorrer desta pesquisa e contribuírem grandemente para a mesma. Agradeço também por serem minhas inspirações no mundo da poesia e me ensinarem tanto com suas escritas e posturas perante o mundo.

Agradeço à minha orientadora Patrícia Baroni, por me acolher de forma tão linda desde a primeira vez que manifestei a vontade que orientasse minha pesquisa. Agradeço pelo respeito que sempre teve com o tema que escolhi para pesquisar e por entender que isso não era apenas sobre a pesquisa, mas também sobre a minha vida. Obrigada por respeitar os momentos em que precisei “parar” e por me incentivar sempre a seguir.

Agradeço aos componentes da banca pela disponibilidade em fazer parte da conclusão de uma etapa tão importante na minha trajetória acadêmica e marcante na minha vida pessoal de forma geral.

Agradeço ao universo por ter me dado sabedoria nos momentos de tempestade onde eu não conseguia enxergar um palmo à minha frente e fui sustentada pela fé de que uma fase melhor chegaria.

Agradeço ao Hip Hop por ser meu parceiro em todos os momentos da minha vida: nos momentos de revolta, de tristeza e de alegria. Obrigada por ser o que não me deixou desistir da vida nos momentos mais difíceis e por ser o que abrilhantou mais ainda os momentos de conquistas.

*Disseram que eu não deveria sonhar  
Sonhei alto que nem Maya Angelou  
Sou pássaro livre e tô pra cantar  
Mulher do fim do mundo, eu sigo e vou  
Como diz minha mana Alt Niss:  
"Se eu for pra essas mina um espelho, eu venci"  
Eu vim de lá onde o céu não é limite  
É coragem, impulso pra prosperar  
Fiz o impossível de onde eu vim  
Trago cura pro que já me fez sangrar*

*(Drik Barbosa)*

MATOS, Nayara Teixeira de Souza. **A potência formativa da literatura marginal-periférica: diálogo da literatura das ruas com outros espaços de saberes.** Rio de Janeiro, 2022. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de investigar a potência formativa da produção literária marginal-periférica a partir das narrativas de escritores periféricos. A relação entre a formação tecida nas ruas e nas escolas no contexto da literatura marginal-periférica, a identificação de quais pontos foram importantes para os escritores periféricos se tornarem e se perceberem autores e a identificação de como a literatura marginal-periférica influenciou a formação dos indivíduos que participaram das conversas durante a pesquisa, foram questões estruturantes para o desenvolvimento desta escrita. Assumindo que a minha pesquisa não poderia estar dissociada da minha trajetória de vida, a narrativa (auto)biográfica enquanto também escritora perpassa toda a pesquisa como instrumento importante no processo de investigação e (auto)formação (SOUZA, 2007). A partir do entendimento de que a literatura marginal-periférica é sempre singular e local, mas ao mesmo tempo global e social, a abordagem metodológica partirá também da pesquisa narrativa (CLANDININ e CONNELLY, 2011) e da metodologia de conversas (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Com a produção de Soares (2009) e de Ferréz (2005), e das minhas vivências como escritora periférica e das narrativas de outros escritores periféricos, busco compreender como a literatura marginal-periférica se inscreve em diferentes espaços de formação, dentre eles, as ruas e as escolas. A pesquisa será atravessada pelas produções dos escritores da literatura marginal-periférica em diálogo com a produção acadêmica neste campo e também abordará os conceitos de escrevivência (EVARISTO, 2017), autoria (SANTOS, 2019), praticantes e táticas (CERTEAU, 1998), literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) e identidade (HALL, 2006). Deste modo, pretendo contribuir para a ampliação das discussões sobre os aspectos formativos da literatura marginal-periférica no campo da educação.

Palavras-chave: Literatura marginal-periférica. Narrativas. Formação.

## **Sumário**

MULHER PRETA DA FAVELA	9
ANTES DA PESQUISA, JÁ ERA PESQUISA	12
1 DURO NÃO É O CABELO, É O SISTEMA	20
1.1 Sobre cordas que paralisam e nós que impulsionam	20
1.2 Costurando nós	24
1.3 Nós que ninguém desata	25
2 ESCREVO PARA VIVER	30
2.1 Minha voz e minha escrita são a revolução	30
2.2 Dessacralizando a literatura: Vozes da periferia	35
2.3 “Mas isso pode aqui na escola?”	42
3 PALAVRA É CAMINHO	47
4 ONDE A GENTE SE ENCONTRA	54
5 TODO FIM É UM RECOMEÇO	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

## MULHER PRETA DA FAVELA

*Mulher Preta da Favela  
 Nunca permitiu  
 Que ninguém definisse o futuro dela  
 Através dos estudos  
 Chegou onde ninguém esperava  
 Mas também tem que dar crédito à família  
 O porto seguro onde ela se encontrava  
 Dez anos de idade ia pra escola sozinha  
 A mãe rezava pra Deus proteger a garota  
 Afinal era o único recurso que ela tinha  
 Sem precisar tirar dinheiro da bolsa  
 Reza era de graça  
 Ainda bem, porque naquela época  
 Era direto com Deus que ela falava  
 O esforço do pai em pagar um cursinho  
 Pra ela entrar numa escola federal  
 Assim teria um futuro brilhante  
 Seria uma grande profissional  
 O esforço da mãe em dar todo o suporte necessário  
 Dizem que ser dona de casa é mole  
 Mas tô pra ver alguém que trabalhou mais  
 do que essa mulher que tá sempre do meu lado  
 Mãe, obrigada.  
 O esforço da menina em estudar na escola e depois ir pro cursinho  
 Isso tudo sozinha  
 E ela ia seguindo seu caminho  
 Carga horária de estudo de mais de 7 horas diárias  
 Sem contar os deveres pra casa!  
 Foi um ano difícil  
 Responsabilidade da menina de 10  
 Era de quem tinha 35  
 Apesar de nova, já sabia o que queria:  
 Se tornar uma pessoa de sucesso  
 E tudo que sua mãe falava  
 Era que o estudo  
 Era o único caminho aberto  
 Deu certo!  
 Passou no concurso pra escola federal  
 A certeza na família  
 Era que aquela menina  
 Seria sucesso total  
 Pais, irmão, tios, tias, primos e primas...  
 Era uma festa sem fim  
 O culto oferecido em ação de graças  
 Demonstrou a importância disso pra eles e pra mim*

A partir daquele ano  
 Muitos outros sucessos vieram  
 Depois de anos  
 Passou em mais um concurso  
 Agora de nível técnico  
 Fez curso técnico em outra escola federal  
 E agora já despontava mais ainda  
 Como protagonista da sua história real  
 Real de realeza  
 Pois passava a perceber  
 Que a força das mulheres de sua família  
 Era ancestral  
 E ela não podia decepcionar rainhas, com certeza  
 Hoje já mais crescida  
 Nem tanto no tamanho  
 Por que não sou alta  
 Mas por dentro...  
 Ah...aquí dentro tem uma força que não me falta  
 Estudante trabalhadora  
 Perfil que a faculdade não gosta  
 Já ouvi:  
 “É mais fácil deixar pra lá  
 Ela não vai mesmo poder do grupo de estudos participar...”  
 Mas pra quem vem de onde eu vim  
 A gente consegue chegar  
 Difícil cumprir três turnos  
 Amanhã tem trabalho da faculdade pra entregar  
 E faz dois dias que eu não durmo  
 Pressão f\*da pra cumprir prazo  
 E assim a saúde vai ficando de lado...  
 Trabalha, estuda e estuda mais um pouco  
 Já dizia minha mãe:  
 “Mulher Preta e pobre tem que se esforçar o dobro”  
 Lá no fundo eu sei que é verdade  
 Mas isso vai tirando um pouco da sanidade...  
 Atenção aos sinais que o corpo dá  
 Isso... assim aos poucos tô aprendendo a me cuidar  
 Tem que trabalhar, trabalha  
 Tem que estudar, estuda  
 Mas também tem que ter o tempo da escuta  
 Escuta o que seu coração diz  
 Escuta e procura realizar o que te faz feliz  
 Essa é a chave pra não cair  
 Essa é a chave pra não paralisar  
 Essa é a chave pra gente se cuidar

**Nayara Matos**



Fonte: Arquivo pessoal

## ANTES DA PESQUISA, JÁ ERA PESQUISA

O tema desta pesquisa é a literatura marginal-periférica, com ênfase na relação entre a literatura marginal-periférica difundida nas ruas e nas escolas e suas implicações no que diz respeito ao processo formativo das pessoas. Ao ver a literatura marginal-periférica como uma ferramenta pedagógica importante no processo de formação de indivíduos, pesquiso como esse tipo de saber é abordado em ambientes escolares e fora dele.

Compreendo como literatura marginal-periférica a literatura produzida por pessoas que vivem nas periferias e margens da sociedade, não exclusivamente no que se refere ao espaço físico ou geográfico, mas também no que se refere às periferias e margens sociais. Concordando com a visão de um dos grandes autores da literatura marginal-periférica no Brasil, Ferréz define:

A Literatura Marginal [...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo. (FERRÉZ, 2005, p. 12)

Na dissertação de mestrado de Mei Hua Soares (2009), intitulada *A literatura marginal-periférica na escola*, a autora aponta que a literatura marginal-periférica potencializa a leitura no ambiente escolar e se torna uma possível porta de entrada para o “mundo literário”. A partir dessa concepção e de narrativas de autores periféricos pretendo investigar como acontece o diálogo entre os espaços de produção da literatura marginal-periférica e as escolas, se as escolas fazem parte desse espaço e a potência dessa literatura em seu aspecto formativo. A escola convencionalmente é a instituição à qual se atribui socialmente a função da formação e seus currículos são compreendidos por muitos enquanto reguladores sobre o que é um saber validado ou não. Porém, outros espaços também exercem ação formativa, ainda que não tenham essa função socialmente estabelecida. Nesse sentido, busco compreender como os *usos* (CERTEAU, 1998) da literatura marginal-periférica são produzidos nas escolas a partir das narrativas dos escritores, além dos usos produzidos nas ruas, nos *corres*, nos *saraus*, dentre outros, que possam vir a ser elencados nessas conversas e se apresentar enquanto possibilidade de desdobramento da potência narrativa desta literatura.

O interesse por esse tema nasceu da minha experiência enquanto também escritora da literatura marginal-periférica e da história que me conduziu até esta identidade. Em 2015, experienciei meu primeiro contato direto com a poesia marginal-periférica falada através de um vídeo no site YouTube no qual o poeta Akins Kintê recitava a poesia *Duro não é o*

*cabelo*. O que mais me fascinou nesse vídeo foi que ele estava “falando a minha língua” e rimando. Rimando de uma forma que denunciava o racismo e ao mesmo tempo valorizava os traços do povo preto. Era alguém rimando e “falando de mim”. Era representatividade. Parecia a voz que eu não tive. Não era nada parecido com as poesias tradicionais/canônicas já antes conhecidas que falavam de outra realidade que não a minha. Eu sempre gostei de poesias, mas essa era diferente. A partir dos versos de Kinté, eu comecei a perceber que eu também poderia ser uma escritora. Depois desse episódio comecei a pesquisar de modo incansável mais informações sobre esse autor e, conseqüentemente, a descobrir mais informações sobre literatura marginal-periférica. Continuei acompanhando pela internet (através de vídeos) saraus e *slams*<sup>1</sup> que aconteciam em São Paulo, pois nessa época era lá que se concentravam a maioria de eventos desse tipo. Assim, virtualmente, fui conhecendo poetas periféricos como Sérgio Vaz, Andrio Cândido, Lucas Afonso, Mariana Félix, Emerson Alcalde, Roberta Estrela D’Alva, Luz Ribeiro, Mel Duarte e Kimani.

Em fevereiro de 2017, viajei para São Paulo para conhecer o Sarau do Kintal, organizado por Akins Kintê - sim, aquele autor do vídeo que foi um divisor de águas em minha vida. Foi um fim de semana incrível, pois, além de ir ao Sarau do Kintal que acontece no quintal da família de Akins e recebe muitas pessoas, também pude ir ao Slam Sofalá e ao Aparelha Luzia. O Aparelha Luzia também é conhecido como um quilombo urbano por fomentar debates políticos voltados para a população negra, além de promover festas e eventos que valorizam a cultura negra. Eu já escrevia poesias de forma mais assídua desde 2015/2016, mas foi só em junho de 2017 que tomei coragem para recitar em um slam. O Slam das Minas - RJ foi criado em maio de 2017 e, no mês seguinte, eu estava recitando um poema autoral na sua segunda edição que aconteceu na Casa Porto, no Largo de São Francisco da Prainha - região da chamada *Pequena África Carioca*. Em setembro de 2017 retornei a São Paulo para assistir ao “I Torneio dos Slams - Estéticas das Periferias”, que era um Slam nacional de duplas. Ao chegar no evento, pude conhecer o escritor, poeta, slammer<sup>2</sup> e slammaster<sup>3</sup> Emerson Alcalde e falei sobre o principal motivo da minha ida à São Paulo - o Torneio de Slams. Ele ficou surpreso com esse fato, me convidou para ser jurada do evento e, claro, eu aceitei o convite! Em abril de 2018, fui até São Paulo mais uma vez, mas nessa

---

<sup>1</sup> Slams são campeonatos de poesia falada onde os participantes devem recitar poesias autorais de até três minutos de duração sem o auxílio de nenhum objeto cênico ou acompanhamento musical. Um júri popular é escolhido aleatoriamente no momento do evento e os jurados dão notas às performances dos poetas.

<sup>2</sup> Poeta que participa de slams.

<sup>3</sup> Quem organiza slams.

oportunidade fiz um curso intitulado “Pedagogia dos Saraus”, ministrado por Rodrigo Ciríaco. Ciríaco é educador, escritor e coordenador de diversas atividades de incentivo à leitura, produção escrita e difusão literária, principalmente dentro das escolas da rede pública de São Paulo. O curso de que participei aconteceu em uma tarde na *Ocupação Ermelino Matarazzo* - movimento de ocupação de atividades culturais em um prédio público desativado há décadas na Zona Leste de São Paulo - e abordou temas como a valorização da literatura marginal-periférica e como os saraus promovidos por Rodrigo nas escolas contribuem para o interesse de crianças, jovens e adolescentes pelo mundo literário. Como já estava em São Paulo, aproveitei para ir a uma edição do Slam das Minas – São Paulo, que aconteceu no mesmo fim de semana na Casa das Rosas, e lá pude ver de perto a potência de poetas que tanto admiro como Kimani, Tawane Theodoro, Luiza Romão e Luz Ribeiro .



Eu e a poeta Luz Ribeiro - São Paulo, 2017 (Fonte: Arquivo pessoal)

A partir do meu envolvimento com os Movimentos de Slams - tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo - fui cada vez mais entendendo que eu também poderia ser uma escritora, pois me reconhecia nas falas dos poetas periféricos que recitavam nesses espaços. Percebi que havia uma grande vontade de escrita reprimida dentro de mim que foi libertada através do contato com os slams e saraus. Quando ingressei em 2016 na Universidade Federal do Rio de Janeiro para cursar Pedagogia, percebi desde o início do curso - e no decorrer dele - que a literatura marginal-periférica não era abordada de forma profunda nem no currículo do curso e nem nas experiências relatadas por professores trazendo os aspectos das escolas da educação básica. Ao pensar aulas, abordagens e currículo da educação básica, os professores não envolviam os saberes da literatura marginal-periférica. Por isso, em meus trabalhos nas disciplinas, sempre que possível, eu tentava relacionar os conteúdos propostos com essa literatura desenhando trocas potentes de saberes. Em um dos trabalhos de uma disciplina, por exemplo, relatei os conceitos de *Ecologias de Saberes* (SANTOS), *Colonialidade* (QUIJANO), *Epistemicídio* (SANTOS) e as ideias de Amílcar Cabral e Paulo Freire com vídeos de poetas periféricos, como Akins Kintê e Lucas Penteado, recitando suas poesias.

Compreendendo que os saberes tecidos na literatura marginal-periférica pelos seus escritores são tão potentes quanto os produzidos nas pesquisas acadêmicas, escolhi como *praticantes* (CERTEAU, 1998) neste trabalho monográfico a nós, acadêmicos das ruas, dos *corres*, das rimas, dos saraus, dos slams que, através de nossas narrativas, contribuimos para o maior entendimento do cenário existente nesse contexto.

O objetivo dessa pesquisa é investigar a potência formativa da produção literária marginal-periférica a partir das narrativas de escritores periféricos. Para atingir tal objetivo pretendo também analisar a relação entre a formação tecida nas ruas e nas escolas no contexto da literatura marginal-periférica, identificar quais pontos foram primordiais para os autores periféricos se tornarem e se perceberem autores e identificar como a literatura marginal-periférica influenciou na formação dos praticantes da pesquisa.

A literatura marginal-periférica, além de mostrar outras possibilidades de literatura diferentes dos clássicos canônicos literários, tem caráter inclusivo por mostrar a importância de obras e de autores que contam a realidade das periferias e muitas vezes são deixados de fora do *hall* literário. Isso fica visível na afirmação de Ferréz (2005) ao pontuar a importância de “olhar para dentro” da periferia, e também “de dentro” da periferia: *quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita*

*com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto* (FERRÉZ, 2005, p. 9).

A inclusão das histórias e obras das pessoas das periferias nas escolas se apresenta como uma ferramenta potente, inclusive para o desenvolvimento da autoestima dos alunos que entram em contato com esse estilo. Além de perceber a validade da pluralidade literária, esses alunos passam a conhecer melhor essa literatura que, socialmente, é desvalorizada e muitas vezes produzida como inexistente.

Segundo Soares (2009), há relatos de diversas situações de experiências positivas em relação ao uso de conteúdos literários marginal-periféricos em sala de aula. Em especial, a autora destaca a importância de despertar a atenção e o interesse dos alunos pelos textos trabalhados na escola. Salienta que muitos estudantes passam a ter o desejo de ler o livro de onde os textos foram retirados, o que não acontecia em suas experiências como professora anteriormente com os conteúdos canônicos, tal como é possível constatar no trecho:

O interesse – tão precioso – dos alunos durante a leitura de textos de uma modalidade específica, a literatura marginal-periférica, é o mote principal deste estudo. Ao investir, inicialmente com certo receio, em leituras de trechos de obras consideradas “marginais” ou “periféricas” pude notar que os alunos, especialmente os considerados menos interessados por leitura (e também por outros conteúdos curriculares), demonstraram atenção e curiosidade por um tipo de texto que, em princípio, não é direcionado para o leitor escolar. (SOARES, 2009, p.19)

Através desse relato, percebo que a literatura marginal-periférica pode potencializar a leitura no ambiente escolar e se tornar uma possível porta de entrada para o “mundo literário” - antes representado por personagens que não mostravam certas realidades enfrentadas pelas periferias ou talvez até mostrasse, mas de outra perspectiva: através do “olhar de fora”. No momento em que a literatura marginal-periférica propõe colocar em “primeira pessoa” os atores sociais que antes não tinham visibilidade, cumpre o papel de representatividade e de valorização dos diversos tipos de culturas e linguagens. Tanto no conteúdo, quanto na forma esse gênero literário mostra que, independentemente da sua origem ou condição social, é possível ser autor e leitor da sua realidade.

A ideia de valorizar os conhecimentos que os alunos já experienciaram também está presente na literatura marginal-periférica, pois mostra que não existe apenas um tipo de literatura “correta” – como geralmente é apontada a literatura canônica – mas sim, valoriza a multiplicidade e importância da diversidade literária. Muitas obras literárias marginais-periféricas ainda são apontadas como uma “não-literatura” pelo fato de não se enquadrarem na norma culta padrão da Língua Portuguesa. É importante destacar que tal fato é reflexo do

entreve entre a camada de poder do cânone literário sobre qualquer outro estilo de literatura que não se enquadra em seus moldes.

No que diz respeito aos conteúdos presentes na literatura marginal-periférica, em sua maioria são abordadas questões sociais e coletivas referentes às periferias. São narrativas que fazem parte das experiências de vida dos autores. À luz disso, a produção de Santos (2019) traz interessantes contribuições para refletir a questão da autoria:

Na modernidade ocidental, o conceito de autor implica noções como originalidade, autonomia e criatividade. Faz parte do mesmo conjunto de filosofias idealistas que subjazem ao individualismo possessivo moderno. Tal conceito de autoria tem pouca valia nas epistemologias do Sul, na medida em que, para elas, os conhecimentos mais relevantes ou são imemoriais ou são gerados no âmbito das experiências sociais de opressão e das lutas contra essa opressão. Seja como for, raramente são identificáveis com uma única pessoa ou provém de uma única pessoa. Subjacentes a esses conhecimentos estão sempre experiências coletivas novas ou antigas. (SANTOS, 2019, p.88)

A literatura marginal-periférica tem como uma de suas características abordar temas relativos às vivências dos autores periféricos. Esses temas por raras vezes são abordados no cânone literário e, quando o são, têm a perspectiva de quem está de fora da periferia. Pelo viés do conceito de autoria no qual apostamos é possível compreender que os autores da literatura marginal-periférica, ao exporem questões que surgem em suas experiências sociais na luta contra opressões, estão também construindo conhecimento coletivo.

Seja de maneira oral ou escrita, a literatura marginal-periférica reserva lugar especial às vivências de seus autores. Evaristo afirma que *escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo* (EVARISTO, 2007). Desta forma, escrever se torna um “nós compartilhado” e assim, esses autores se inscrevem e se leem nessas produções.

Reconhecendo que *a consciência da posição de onde se fala e a clareza do que se está falando constituem condições fundamentais para a escolha e o desenvolvimento de uma pesquisa e de seus caminhos*. (MARQUES, 2018, p.19), e relacionando essa assertiva com as minhas vivências como escritora periférica, entendo que a pesquisa narrativa, a metodologia de conversas e a narrativa (auto)biográfica são as melhores opções para prover subsídios para o desenvolvimento da pesquisa acerca do tema proposto. Através da *arte de conversar* (CERTEAU, 2007 apud RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2018, p.24), pretendo tecer redes de relações capazes de desenvolver trocas horizontais de saberes entre eu e os outros sujeitos da pesquisa, também autores periféricos. Assim, buscarei compreender como a literatura

marginal-periférica vem contribuindo para a sua trajetória de formação e como tais escritores veem a potência formativa dessa literatura. Concordando com a ideia de que

é preciso, pois, que eu incorpore a ideia que ao narrar uma história, eu faço e sou um narrador praticante ao traçar/trançar as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até mim, neles inserindo, sempre, o fio do meu modo de contar. Exerço, assim, a arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do *aprenderensinar*. Busco acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato da pertinência do que é científico. (ALVES, 2008, p.33)

Entendo que é importante valorizar as narrativas desses praticantes para compreender suas táticas cotidianas. Tal abordagem metodológica será melhor explicitada no capítulo dedicado a isso.

Para conhecer mais sobre a trajetória de vida e experiências dos escritores periféricos que participaram da pesquisa em questão, em um primeiro momento será proposta uma roda de conversa virtual através de uma ferramenta tecnológica em que é possível fazer chamada de vídeo de forma síncrona entre os participantes. A ideia nessa etapa é ter contato com suas narrativas, suas relações com a literatura marginal-periférica e saber como essa literatura faz parte de sua formação como indivíduo trazendo também para a conversa as minhas experiências como escritora periférica. Durante a monografia, a pesquisa será atravessada pelas produções dos escritores da literatura marginal-periférica em diálogo com a produção acadêmica neste campo e conceitos que serão melhor abordados ao longo de todo o texto.

No capítulo 1, intitulado *Duro não é o cabelo, é o sistema*, apresentarei caminhos metodológicos que fazem com que esta pesquisa seja atravessada pelas vozes de autoras e autores da literatura marginal-periférica, não utilizando essas vozes enquanto um objeto a ser estudado, mas como uma escrita compartilhada tecida a muitas mãos, em que os/as praticantes também têm autoria nesta produção. Para tal, partimos dos conceitos de *escrevivência* (EVARISTO, 2017), de *pesquisa narrativa* (CLANDININ e CONNELLY, 2011), *narrativa (auto)biográfica* (SOUZA, 2007) e *metodologia de conversas* (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2018) para estruturar a pesquisa.

No capítulo 2, *Escrevo para viver*, me proponho a conversar com autores que trazem interseções com o tema da pesquisa, como Ferréz e Sérgio Vaz com sua vivência na literatura marginal-periférica, Cuti com a *literatura negro-brasileira*, Mei Hua Soares trazendo sua pesquisa sobre a relação entre a literatura marginal-periférica e as escolas, Boaventura de Sousa Santos com os conceitos de *ecologia de saberes*, *autoria* e *oratura*, Stuart Hall com sua produção sobre *identidade* e Certeau com os conceitos de *usos* e *praticantes*.

No terceiro capítulo, intitulado *Palavra é caminho*, a conversa será com os escritores periféricos. Através de uma roda de conversa teceremos narrativas acerca da importância da literatura marginal-periférica em nossas vidas, como foi o nosso primeiro contato com a literatura marginal-periférica e como nós vemos a relação dessa literatura e as escolas. Conversei com três autores: Akins Kintê, William Melo e Josi de Paula. Akins é poeta, arte-educador, cantor, escritor, roteirista e diretor. William é poeta, rapper, professor de Ciências/Biologia e doutorando em Educação pela UFRJ. Josi é poeta, produtora e organizadora do Slam Negritude.

A partir daí, conversarei com minhas experiências pois, como escritora periférica e futura pedagoga, acredito que minha narrativa também é um importante instrumento de pesquisa no processo de investigação e (auto)formação (SOUZA, 2007).

Espero com isso proporcionar novas perspectivas sobre a potência formativa da literatura marginal-periférica e como ela se relaciona com os ambientes de saberes, sejam eles escolares ou não.

## 1 DURO NÃO É O CABELO, É O SISTEMA

*Duro não é o cabelo  
é o sistema  
e não alisa  
Quebra na emenda  
Entenda a persistência  
de mantê-lo  
crespo na essência  
é orgulho, político  
E resistência  
(Akins Kintê).*

Neste momento se faz necessário apresentar os caminhos trilhados ao longo da pesquisa. Por se tratar de uma investigação atravessada pelas minhas *escrevivências* (EVARISTO, 2017), trago algumas possibilidades de conversar com os dados aqui narrados, mas também de enredar meu cotidiano e atravessamentos. Desta forma, abraço a perspectiva presente na pesquisa narrativa (CLANDININ e CONNELLY, 2011) e na narrativa (auto)biográfica (SOUZA, 2007), bem como a metodologia de conversas (RIBEIRO; SAMPAIO; SOUZA, 2018).

### 1.1 Sobre cordas que paralisam e nós que impulsionam

Tais comentários agressivos são performances frutíferas do poder, controle e intimidação que certamente logram sucesso em silenciar vozes oprimidas. Frutífero, de fato, porque lembro de ter parado de escrever por mais de um mês. Eu me tornei temporariamente sem voz. (KILOMBA, 2019, p.57).

Nesse trecho do livro *Memórias da Plantação* (2019), Kilomba conta como um comentário racista dirigido a ela afetou sua voz e escrita. Curioso pensar em como as narrativas que chegam até nós nos impactam e como podemos identificar tantas coisas em comum. Me lembrei do período de seis meses em que a escrita desta monografia ficou parada. Foi interrompida, assim como no caso da escrita da escritora citada. No dia 8 de junho de 2021 eu apresentava um trabalho de uma disciplina do meu curso de graduação que consistia em apresentar para a turma uma narrativa que escolhi de um livro. O título do texto escolhido - não por acaso - era “vidas negras importam”, no qual uma professora negra da educação básica contava sobre seu cotidiano e como ele era marcado pelo racismo. Não só o racismo dirigido a ela, mas seu foco era em como o racismo afetava as vidas e sonhos das

crianças negras. Ela se sentia angustiada a cada notícia que ouvia sobre o assassinato de mais uma criança negra causado pelo racismo e se perguntava: *como a morte do povo preto se tornou algo trivial?* Essa narrativa me impactou bastante, pois ali me identifiquei e lembrei do quão mal eu ficava ao ouvir as notícias na televisão das mortes de Miguel, João Pedro, Marcos Vinícius, Maria Eduarda, Ágatha<sup>4</sup> e tantas outras crianças negras que foram mortas em ações decorrentes do racismo existente na nossa sociedade. Já pararam para pensar em como fica a situação psicológica dos colegas e familiares dessas crianças? É um efeito propagador que afeta todo um grupo. Não só o grupo de pessoas que vivem próximas a essas crianças, mas afeta também quem está fisicamente longe - assim como eu e essa professora - e se identifica com a situação.

Já era um desafio para mim apresentar para a turma como aquela narrativa tinha me impactado, mas o pior foi o que veio depois. Ao acabar de apresentar o trabalho em que falei sobre o quão importante era levar essa reflexão para colegas de turma prestes a se formarem e atuarem como pedagogas, vi na televisão a notícia da morte de Kathlen Romeu: uma mulher preta de 24 anos, grávida de poucos meses, que foi atingida por um tiro e morreu na Zona Norte do Rio de Janeiro. Por alguns minutos fiquei sem chão e repensei toda fala que tinha feito diante da minha turma. Adianta falar? Adianta tentar? Me questionei e naquele instante só vinham respostas negativas para as indagações. Parecia que tudo tinha sido em vão. Adianta lutar? Adianta resistir? Mais que isso: ainda tenho forças pra lutar e resistir? Naquele momento, não mais. Na época eu estava há alguns poucos meses escrevendo minha monografia e não consegui continuar. Não foi só esse fato que me fez paralisar a escrita acadêmica, mas esse foi como um pingo d'água no acumulado de agressões diárias causadas pelo racismo no meu cotidiano. Desde o carro de aplicativo que deixou minha mãe idosa no meio da ladeira porque falou que não ia subir mais a favela, até os comentários e olhares no ambiente profissional que descredibilizavam meu trabalho pelo fato de eu ser uma mulher negra num ambiente majoritariamente masculino e branco - mesmo eu sendo uma das pessoas que mais conhece dos processos do setor. E tantas outras micro agressões racistas diárias acumuladas em 28 anos que não caberiam em uma página. Cansa. Foram longos seis meses de escrita parada, de repensar meu posicionamento como pedagoga em formação, de articular possibilidades de retorno, de desistir dessas possibilidades e de voltar a acreditar nelas. Eu amo o tema que pesquiso, mas só a ideia de voltar a escrever academicamente me

---

<sup>4</sup> Crianças vítimas fatais das diversas formas de racismo existentes na sociedade.

remetia à lembrança daquele 8 de junho de 2021 e de todos os outros fatores que eu já vinha suportando para não desabar.

O primeiro livro que li quando voltei a escrever essa monografia foi *Memórias da Plantação*, de autoria de Grada Kilomba, e parecia que a autora estava falando comigo. Me via em muitas falas dela.

Se esses ensaios parecem preocupados em narrar as emoções e a subjetividade como parte do discurso teórico, vale lembrar que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém. Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de fala e escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. (KILOMBA, 2019, p.58)

Ao ler isso, entendi que os atravessamentos que citei não poderiam estar apartados de minha escrita acadêmica. É através das minhas vivências que teorizo e me coloco no mundo. São elas que me fazem ser quem sou e escrever a partir disso. Toda teoria escrita hoje aqui não poderia ser escrita em outro tempo nem por outra pessoa.

O tema desta pesquisa não foi escolhido por acaso. Foi justamente ao me reconhecer como uma voz marginal e questionar o porquê durante todo o meu curso de graduação não foram abordadas vozes parecidas com a minha, que entendi a importância de trazer a escrita (auto)biográfica como abordagem metodológica. Kilomba também fala sobre a reconfiguração de poder para que muitas identidades marginalizadas possam reconfigurar a noção de conhecimento. Isso diz muito sobre o viés político da escrita, pois em qual outro momento ou conjuntura eu poderia escrever? Se não fossem tantas outras e outros escritores periféricos lutarem para que suas vozes e saberes fossem difundidos, haveria a possibilidade de reconfiguração da noção de conhecimento? Ainda que as mudanças nesse sentido caminhem a lentos passos, eu, uma mulher negra periférica, estar pesquisando e falando sobre a literatura marginal-periférica na academia, já é resultado da luta de muitas que vieram antes.

O encontro da minha narrativa enquanto graduanda do curso de Pedagogia e escritora marginal-periférica, com as narrativas das pessoas com quem conversei nesta pesquisa como educadores e também escritores da literatura marginal-periférica, permite que possamos praticar a reflexão e auto-reflexão sobre nossas trajetórias. Segundo Souza (2007), *nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente o método*

*autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras* (SOUZA, 2007,p.67). Sendo assim, destaco a riqueza das conversas que tive no decorrer dessa pesquisa e trago para dialogar com esse fragmento, a fala de William Melo quando disse, em nossa conversa, que havia muito tempo que não tinha oportunidades de conversar e refletir especificamente sobre o entrelaçamento da sua trajetória como artista e professor. Disse também que se sentiu muito feliz naquele momento ao perceber diversos pontos em sua trajetória de vida que não tinha percebido até então.

Como eu disse anteriormente, quando em outros tempos eu poderia me imaginar escrevendo sobre o que escrevo e como escrevo em uma monografia? É justamente nessas conversas, como a que tive com o autor William, que nos percebemos contribuindo para a mudança na configuração da noção de conhecimento trazida por Kilomba.

As contribuições de Souza também me ajudam a formular esse pensamento quando diz:

As variadas tipificações ou classificações no uso do método biográfico inscrevem-se no âmbito de pesquisas sócio-educacionais como uma possibilidade de, a partir da voz dos atores/atrizes sociais, recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, socioculturalmente situados, garantindo às mesmas o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes. (SOUZA, 2007, p.67)

Percebo que nós, escritores marginais-periféricos do passado e do presente, estamos sim, construindo uma história individual e coletiva.

Um trecho do poema de Josi de Paula, com quem também conversei, diz:

vejo meu irmão em movimento  
fazendo, fazendo e fazendo  
mas fazer não é o bastante  
temos que reforçar a ruptura  
sem reproduzir o que nos aprisiona  
só assim realmente moveremos a estrutura.  
(Josi de Paula)

Ao trazer em sua poesia a ideia sobre reforçar ruptura e não reproduzir o que nos aprisiona para aí mover a estrutura, me parece que Josi e Kilomba poderiam estar sentadas numa tarde conversando sobre a ideia de nova configuração da noção de conhecimento. Esse entrelaçar de ideias - talvez inimagináveis - é um exemplo que movimenta e reconfigura as noções de conhecimento.

## 1.2 Costurando nós

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p.18).

Conceição Evaristo (2017) teceu o conceito de *escrevivência* enquanto fazia um jogo entre as palavras “escrever”, “viver” e “se ver”. Durante uma entrevista<sup>5</sup>, ela comenta que algumas pessoas chegam a comparar esse conceito com uma escrita narcísica, mas ela propõe uma outra perspectiva. Evaristo (2017) relaciona a *escrevivência*, não ao mito de Narciso, pois esse não caberia a nós negros, não suportaria nossas experiências, mas sim a mitos afro-brasileiros. Diante desse olhar, não é mais o espelho de Narciso - no qual ele acaba se perdendo em sua beleza - que está em cena, mas sim os espelhos de Oxum e Yemanjá - o primeiro capaz de revelar a beleza negra e se auto reconhecer como belo, e o segundo que acolhe a comunidade. Evaristo ainda conclui reforçando que a *escrevivência* não é só sobre a história de um sujeito, mas também sobre uma história de coletividade.

Sinto que não poderia dar continuidade a essa pesquisa sem que o conceito de *escrevivência* estivesse permeando toda ela. Minha escrita não pode ser separada das minhas vivências. Se eu escrevo essa monografia dessa forma, se eu trago os conceitos que trago e se eu construo essa pesquisa juntamente com outras pessoas que escolhi para estar compartilhando saberes, é porque as minhas vivências me trouxeram até aqui.

Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a *escrevivência*. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande. (EVARISTO, 2020)<sup>6</sup>

Nesse sentido, me identifiquei mais ainda com o conceito abordado, pois ao me reconhecer como mulher negra escritora, *escrevivo* essa pesquisa como nenhuma outra pessoa poderia fazer no meu lugar.

Ainda falando sobre o meu lugar de escrita e o lugar dessa pesquisa, trago as contribuições de Clandinin e Connelly (2011) no que diz respeito à pesquisa narrativa. Os autores citam *um espaço tridimensional para a investigação narrativa, com a temporalidade*

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>> acesso em 9 de fevereiro de 2022

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>> Acesso em 19 de outubro de 2021.

ao longo da primeira dimensão, o pessoal e o social ao longo da segunda dimensão e o lugar ao longo da terceira. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.85), ou seja, a investigação narrativa considera o aspecto temporal, pessoal, social e a especificidade do lugar em que se dá.

Como falado anteriormente, a presente pesquisa só é possível a partir das vivências que me trouxeram até aqui e um grande exemplo disso é como cheguei até as pessoas com quem conversei na construção dessa monografia. Conheci Akins, William e Josi através da poesia marginal. Seja através da internet ou pessoalmente, cheguei a todos a partir da minha paixão pela poesia marginal-periférica. Cada um tem sua trajetória e quando conversei com eles me vi fazendo parte de algo maior que nós. Clandinin e Connelly (2011) também falam disso ao discorrer sobre a ideia de *entremeio*.

Enquanto trabalhamos no espaço tridimensional da pesquisa narrativa, aprendemos a olhar para nós mesmos como sempre no entremeio - localizado em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, do espaço, do pessoal e do social. Mas nos encontramos no entremeio também em outro sentido, isto é, encontramos-nos no meio de um conjunto de histórias - as nossas e as de outras pessoas. (CLANDININ, CONNELLY, 2011, p.99)

Costurando o entremeio ao conceito de *escrevivência* (EVARISTO, 2017), considero a ideia de coletividade e do “fazer juntos” essencial para o desenvolvimento da pesquisa narrativa.

### 1.3 Nós que ninguém desata

A busca por procedimentos alternativos de pesquisa, entre eles a conversa, só faz sentido se estivermos propensos a questionar e, sempre que necessário, abandonar os tradicionais modelos de análise da “realidade”, na maioria das vezes traduzidos em categorias formatadas-agendadas em nossos projetos. (RIBEIRO, 2018, p.51)

Como falar de literatura marginal-periférica se não pelo viés de uma abordagem metodológica condizente com a mesma? Como falar das margens e periferias se não através da subversão? Como falar de coletividade e do “fazer juntos” se eu estivesse olhando/pesquisando de fora? Seria possível falar das margens através de uma metodologia tradicional e central? Sim, seria. Mas eu escolhi - como indica a epígrafe acima - abandonar os modelos tradicionais. Se meu tema e minha vivência vêm da periferia e das margens, que toda a minha pesquisa seja construída pelos caminhos que potencializam, respeitam e legitimam essas vozes.

Partindo da ideia de que *o conversar pressupõe a circulação da palavra, numa perspectiva de desestabilizar relações de poder verticalizadas e, portanto, colonialistas* (RIBEIRO, 2018, p.34), compreendo que esse tipo de abordagem metodológica é a que possibilita a construção dessa pesquisa em plena sintonia com o tema. Assim como a literatura marginal-periférica surge em meio às urgências das vozes “não ouvidas” pelo cânone literário, a metodologia de conversa surge em meio às urgências e necessidades de legitimar as vozes, gestos, pausas e silêncios muitas vezes não considerados como parte das pesquisas.

Através do Grupo de Pesquisa Ecologias do Narrar<sup>7</sup> fui apresentada à metodologia de conversa, que até então não era conhecida por mim. Eu já estava no último período do curso e foi uma surpresa só ter acessado esse tipo de metodologia naquele momento. Quando comecei o processo de escrita dessa pesquisa, algumas opções de metodologia foram apresentadas para conduzi-la. Sem pensar duas vezes, decidi que a conversa como metodologia estaria presente e entendi que seria responsável por potencializar toda a pesquisa.

A conversa é, talvez, de alguma maneira e em alguma medida, a arte de se fazer presente, de dar tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita, fazendo dessa ação não só uma possibilidade de investigação, mas, antes, de transformar-se no próprio ato de investigar. (RIBEIRO, 2018, p.36)

Percebi que, através da conversa como metodologia, seria possível acessar momentos e narrativas que talvez outra metodologia não permitisse. As conversas com os autores periféricos que aconteceram no decorrer da pesquisa ressaltaram isso. Eu, como autora periférica em conversa com outros autores periféricos, entendi que estar disponível a ouvir e partilhar o que me habita foi o que possibilitou aprofundar a pesquisa no sentido de permitir perceber detalhes que talvez passassem despercebidos por outra abordagem metodológica.

As conversas que aconteceram no decorrer da pesquisa foram feitas com três autores periféricos: Akins Kintê, William Melo e Josi de Paula. Eu já conhecia essas pessoas há alguns anos - umas com mais proximidade e outras menos.

Akins Kintê foi minha primeira inspiração no universo da poesia falada e da literatura marginal-periférica. Foi através do vídeo postado no Youtube em que ele recita *Duro não é o cabelo* no I Festival de Poesia da Cidade de São Paulo, que minha vida teve uma grande reviravolta. Poder vê-lo recitando uma poesia que denuncia o racismo ao mesmo tempo em

---

<sup>7</sup> Grupo de Pesquisa criado em 2020 e coordenado pela professora Patrícia Baroni (Faculdade de Educação/UFRJ)

que exalta a beleza negra, me tocou profundamente. E mais que isso, a forma como ele falava permitiu que eu me identificasse. Não era alguém falando uma poesia canônica que é tão distante da minha realidade e linguagem. Era alguém que parecia que falava “de mim e comigo”. Foi uma emoção parecida com a qual tive quando descobri o rap. O conteúdo e a forma fizeram com que eu me identificasse. Só vendo o vídeo do Akins, eu descobri que a poesia era algo possível para mim. Eu escrevia algumas poesias desde os meus oito anos de idade, mas sempre achei que as minhas escritas não se encaixavam no que eu conhecia sobre poesia, pois até então não sabia que poesia também era para pessoas que escreviam sobre a favela de dentro da favela. Nunca tinha visto alguém escrever uma poesia com o jeito de falar que eu falo no dia a dia. Foi então que surgiu na minha mente a possibilidade - mesmo que distante - de que eu poderia, sim, ser uma poeta também.

O William Melo - ou W-Black como eu o conheci nos slams - é uma figura que eu já tinha visto em alguns espaços que frequentava pelo Rio de Janeiro, mas com quem nunca tinha conversado. Lembro que uma vez fui em uma edição do Slam Nós da Rua só para assistir os poetas recitarem. Saí do trabalho e fui para Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, mesmo sem conhecer muito bem o caminho. Pedi ajuda a alguns amigos que moravam na região sobre qual ônibus pegar e fui sozinha, sabendo que depois o trajeto de volta para casa levaria em torno de duas horas. Assisti aos poetas e foi tudo muito intenso como são os slams. Muitas falas potentes. Mas ao final algo me marcou profundamente: um amigo de William que organizava o slam pediu a palavra para agradecer pela presença dele, pois sabia que o amigo teria compromisso no dia seguinte com seu processo no mestrado. Ali, mais uma vez um mundo de possibilidades se abriu para mim. Estava se concretizando na minha frente um poeta periférico indo para o mestrado. Assim como Akins foi minha referência para que eu soubesse que eu poderia ser poeta se eu quisesse, William foi referência para que eu soubesse que eu poderia, sim, fazer mestrado se eu quisesse. A importância da representatividade nesses casos me permitiu saber que, ao ver alguém parecido comigo realizando feitos que antes eu não achava alcançável para mim, eu também me tornava legítima para alcançar.

A Josi de Paula também é uma figura que eu já via em alguns slams que eu frequentava pela cidade, até que em junho de 2018 eu fui participar de um slam que ela organizava e me senti muito acolhida. Como eu não tinha muita experiência em recitar em público, esse apoio foi muito importante para mim naquele momento. Dali por diante continuamos nos encontrando em outros slams e foi surgindo maior proximidade. Me lembro

de um dia que, depois de uma das edições do slam que ela organizava, paramos em um bar para comer e ali comentei com ela sobre a minha ideia de tema para monografia. Nessa época, em 2019, ainda faltavam alguns períodos para que eu começasse a escrevê-la, mas como desde sempre eu soube que iria escrever sobre literatura marginal-periférica na educação, resolvi falar com ela sobre isso. Foi um dia marcante na minha vida, pois, a medida que eu falava sobre a ideia, ia percebendo a empolgação de Josi e isso me fortaleceu extremamente. Ter o apoio tão genuíno de uma das minhas referências da literatura marginal-periférica só me fez perceber que o caminho que escolhi era sim possível e importante.

A escolha dessas pessoas para as conversas se deu pelo entendimento de suas atividades desenvolvidas no entrelaçamento da literatura marginal-periférica com a educação. Akins e William atuam diariamente em espaços educativos. Akins, além de escritor, músico, diretor audiovisual e roteirista, é também arte educador. William, além de poeta, rapper e doutorando em educação, é também professor de Ciências/Biologia. Josi, apesar de não atuar diariamente em espaços educativos, também desenvolve essa relação da literatura marginal-periférica com a educação nas visitas que faz a escolas difundindo a cultura dos slams e da poesia falada.

Pelo fato das conversas acontecerem durante a pandemia do covid-19, elas ocorreram de forma virtual através de plataforma de videochamada. Em média, as conversas duraram trinta minutos - algumas mais outras menos, mas a média foi de trinta minutos.

Propondo um movimento academicamente diferente, parto das conversas para a busca mais aprofundada das teorias. Seguindo o que Alves (2008) nomeia de movimento de *virar de ponta a cabeça*,

com o aprendido, sei que uma “boa” pesquisa precisa ter uma sólida teoria de apoio que é entendida como a verdade de partida para que possa “construir” uma outra verdade “em nível superior”. Trabalhar com o cotidiano e se preocupar como aí se tecem em redes os conhecimentos, significa, ao contrário, escolher entre as várias teorias à disposição e muitas vezes usar várias, bem como entendê-las não como apoio e verdade mas como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não foi atingido, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade do cotidiano. (ALVES, 2008, p.24)

Compreendo que, é justamente diante dessa multiplicidade de teorias que as entrelaço com os saberes tecidos nas conversas. As conversas com os autores periféricos dessa pesquisa aconteceram antes do aprofundamento na parte teórica e dali saltaram os conceitos teóricos que seriam escolhidos no decorrer da pesquisa. Um exemplo disso aconteceu na primeira conversa que tive com Akins Kintê em que ele citou Cuti como sua referência na literatura. Até então eu não tinha lido Cuti, mas a partir dali, me interessei em saber mais sobre esse

autor e foi assim que trouxe seus conceitos para essa pesquisa. Dessa forma, entendo que a teoria vem para conversar com a prática e não para comprová-la. Assim como a literatura marginal-periférica vem para mostrar que não é subserviente a uma forma padrão e canônica, a metodologia de pesquisa também não necessita ser. Para um tema que subverte o padrão tradicional, uma metodologia que também assim faça.

## 2 ESCREVO PARA VIVER

### 2.1 Minha voz e minha escrita são a revolução

*A escrevivência serve também para as pessoas pensarem.*  
(EVARISTO,2020)

Essa frase de Conceição Evaristo em uma entrevista<sup>8</sup> me fez retomar o conceito de Escrevivência. Se o conceito parte do jogo entre as palavras “escrever”, “viver” e “se ver”, ele também mostra que pode ser bem mais complexo do que parece por se tratar da mescla de três movimentos que requerem atenção sobre o ser humano - tanto de si, quanto do que está ao seu redor. Já que é uma ação e não um acontecimento passivo, também explicita a necessidade da pessoa que *escrevive* se posicionar diante do mundo. Ao dizer que

A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível. Você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas.  
(EVARISTO, 2020)

Conceição aborda como a escrevivência também pode ser ferramenta para pessoas olharem para si próprias e para as outras, estarem atentas ao que acontece ao seu redor e escreverem sobre isso. Não apenas escrever para as outras pessoas lerem, mas também para as outras pessoas se lerem. A literatura diante do viés da denúncia pode gerar uma provocação para a sociedade e assim implicar em reflexões que até então poderiam estar sendo invisibilizadas. Por isso, a frase *a escrevivência serve também para as pessoas pensarem* (EVARISTO, 2020) se faz tão importante no contexto dessa pesquisa.

Ainda relacionando a literatura ao seu viés de denúncia, podemos chegar ao conceito de sociologia das ausências (SANTOS, 2019). A sociologia das ausências *sublinha e denuncia a supressão da realidade social gerada pelo tipo de conhecimento validado pelas epistemologias do Norte.* (SANTOS, 2019, p.53). Para Santos, a *sociologia das ausências* é a pesquisa sobre como alguns grupos sociais são submetidos pelo colonialismo à não-existência e à invisibilidade. Por outro lado, também podemos relacionar a literatura marginal-periférica ao conceito de *sociologia das emergências* (SANTOS, 2019) que *implica a valorização simbólica, analítica e política de formas de ser e de saberes que a sociologia das ausências revela estarem presentes no outro lado da linha abissal.* (SANTOS, 2019,

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>> Acesso em 19 de outubro de 2021.

p.53). Essa literatura tem como marcadores de seu conteúdo a denúncia das opressões sociais e a valorização das características e saberes dos povos que não estão em posição de privilégio na sociedade.

Diante da *ecologia de saberes* (SANTOS, 2009) não haveria sobreposição das epistemologias do Norte (ocidentais e hegemônicas) sobre as epistemologias do Sul (tudo que não é legitimado pelas epistemologias do Norte), pois a ecologia de saberes *tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico* (SANTOS, 2009, p.45). Sendo assim, a partir desse reconhecimento da validade das diversas formas de conhecimento, não haveria hierarquia de epistemologias.

Trazendo esses conceitos citados para o âmbito da literatura marginal-periférica, pode-se indicar que essa literatura passou por muitos anos - ou ainda passa - submetida à lógica da produção de não-existência e invisibilidade. O mundo literário canônico e a academia tentaram e ainda tentam suprimir o avanço e difusão da literatura marginal-periférica, muitas vezes deslegitimando sua potência e julgando como sendo inferior. Há ainda o “lugar do exótico”, no qual por algumas vezes a literatura marginal é até tolerada por pouco tempo, mas ainda assim é vista como inferior e logo submetida novamente ao apagamento.

O ponto de potência da literatura marginal-periférica pode ser também a causa dela ser tão invisibilizada: seu viés político. Assim como *quem pratica a sociologia das ausências proposta pelas epistemologias do Sul... para além de lidar com outros saberes, o faz no âmbito de uma luta social e política* (SANTOS, 2009, p.53), a literatura marginal-periférica, por já nascer dos grupos sociais oprimidos de alguma forma, também se faz no âmbito da luta social e política.

Sérgio Vaz, figura referência na literatura marginal-periférica já postou<sup>9</sup> uma vez que *quem mora em bairro nobre até pode fazer literatura periférica, mas não vai ficar bom*. É justamente essa posição política e social que vai caracterizar esse tipo de literatura. Isso fica bastante evidenciado em outra fala<sup>10</sup> de Vaz:

<sup>9</sup> post disponível em

<<<https://www.facebook.com/354571867955570/posts/pfbid0a4cDjDiY29T8M54ha6JZjh5Px4Vr4vqN3ERK8AZxKtP5Z9NQA5TFVAeq3UYAuuhml/?d=n>>> Acesso em 4 de janeiro de 2022

<sup>10</sup> Entrevista disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade>> acesso em 3 de fevereiro de 2022

A gente deu utilidade para as palavras, a gente não está falando só das estrelas, a gente está falando do racismo, da fome, da intolerância religiosa, do feminismo, do fascismo. Está falando de tantas outras coisas, que agora estão na boca do povo, mas que sempre esteve na boca do povo pobre, do povo negro.(VAZ, 2021)

GOMES (2019) associa a justiça social à justiça cognitiva. Só seria possível alcançar a justiça social através da justiça cognitiva. A escolha da abordagem da ecologia de saberes (SANTOS, 2009) nessa pesquisa, é uma escolha política pensando a literatura marginal-periférica nas escolas e espaços de saberes como de suma importância para a promoção da justiça cognitiva e social. Ao excluir essa literatura da escola, está havendo também a exclusão dos sujeitos que se identificam com ela.

Essa luta social e política, a reivindicação de direitos e a denúncia das opressões partem das vozes situadas em um lugar específico da sociedade - e não é do lado privilegiado. As mãos que escrevem a literatura marginal-periférica, assim como seu próprio nome sugere, estão às margens e nas periferias da sociedade. Aqui reforço que essas margens e periferias vão além dos limites geográficos e dizem respeito às margens e periferias sociais também-tudo que é colocado para fora do centro, seja ele financeiro, de poder, de influência, de estrutura, de legitimação ou de reconhecimento. Sendo assim, essa literatura tem as marcas das vivências das pessoas que estão nessa posição na sociedade e, de forma intencional, escolhem escrever e falar sobre essas vivências. Santos (2019), sobre o conceito de autoria diz que:

Os conhecimentos irrompem, muitas vezes de formas surpreendentes, em momentos de ação ou de reflexão, momentos que são especialmente tensos devido aos riscos e desafios em causa. Ou então trata-se de memórias coletivas (conhecimentos tácitos, latentes) que em muito precedem os contextos de vida e de luta do presente. (SANTOS, 2019, p.88)

É a partir dos contextos de luta que muitas vezes o conhecimento surge. Diante da configuração da literatura marginal-periférica e dos temas majoritariamente abordados nela, pode-se dizer que a autoria das obras, por mais singular que seja, ainda tem seu viés coletivo por surgir nesse ambiente de luta social de alguma forma.

Além de todo material escrito que a literatura marginal-periférica vem construindo ao longo dos anos, há de se destacar a presença - ou por que não o protagonismo? - da produção oral ligada a essa literatura. Com o avanço da tecnologia e do acesso à internet, se tornou cada vez mais comum a circulação de vídeos de pessoas recitando poesias marginais pelo Brasil. Eu sou um exemplo disso, pois o meu primeiro contato com esse tipo de poesia se deu por um vídeo da internet. O número de slams e saraus cresceu consideravelmente nos últimos

anos e chegou até mesmo a algumas produções televisivas. Isso tudo destaca o poder da palavra falada. A proposta de *oratura* (SANTOS, 2019) contribui para pensar esse destaque.

O conceito de oratura, cunhado pelo linguista ugandês Pio Zirimu, visa dar à expressão oral o mesmo estatuto que tem a expressão escrita. Segundo Wa Thiong'o, Zirimu concebe a oratura como algo maior do que literatura oral, como um sistema estético oral que dispensa a validação do cânone literário (escrito). De fato, a oratura entende a literatura como sendo derivativa, encontrando frequentemente as suas fontes na literatura oral. A oratura possui o seu próprio valor, apesar de a literatura escrita ter muitas vezes se apropriado do conhecimento oral, tomando-o como matéria-prima e submetendo-o aos seus critérios estéticos ou epistemológicos. (SANTOS, 2019, p.91)

Diferenciando a literatura da oratura, no sentido da segunda não mais ser vista como inferior à primeira e ter seu próprio valor, o autor ressalta toda a potencialidade performativa que pode explicar o destaque da palavra falada, dos saraus e dos slams citados anteriormente. Relacionando ainda a cena dos saraus e slams à oratura (SANTOS, 2019), podemos acrescentar que:

A oratura tem uma dimensão performativa que não se encontra no conhecimento escrito. Exige a presença de um performer (um agente, um ator) e de um público, bem como, obviamente, de um espaço de performance, de apresentação/representação, que pode ser uma praça, uma rua, a sombra de uma árvore, uma igreja ou um ônibus. Na medida em que é transmitido em copresença, o conhecimento oral é também visual. (SANTOS, 2019, p.92)

Para além de toda a força e potência do conteúdo da literatura marginal-periférica, se pensarmos na forma de oratura dos saraus e slams, todo o destaque mencionado anteriormente se faz cada vez mais compreensível. Pois, se a partir do momento que o conhecimento oral é compartilhado na presença de outras pessoas, ele também é visual, há de se entender o grande impacto da soma desse conteúdo com essas formas de enunciação da mensagem.

Seja através da literatura ou oratura, Hall (2006) destaca a importância das histórias que são contadas sobre a ideia de nação para a construção das identidades. Para ele,

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p.51)

Levando em consideração que as culturas nacionais impactam diretamente na construção de identidades, Hall (2006) ainda afirma que uma cultura nacional é um discurso. Diante disso eu pergunto: que identidades estariam sendo construídas se os autores periféricos se calassem e não escrevessem? Se se calassem e não fossem ocupar as ruas com saraus e slams para falar - e por vezes gritar - suas vivências? Como não lembrar de Tawane

Theodoro recitando *O peso das palavras* no Slam Guilhermina, em praça pública, em que diz: *é que poesia marginal é mais que texto com palavras bonitas pra gente rica fazer reflexão. Isso aqui é papo de salvação?* Juntamente ao seu caráter político e social, a literatura marginal-periférica aqui revela seu viés de influência na construção de identidades, pois influencia diretamente na construção da ideia de cultura nacional. Para Hall (2006), um dos aspectos de como é contada a narrativa da cultura nacional é

a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte. (HALL, 2006, p.52)

Ainda que o processo de globalização possa nos levar a pensar que todas as culturas nacionais se tornaram uma grande imagem homogênea onde todas são parecidas, por consumirem os mesmos serviços, bens, imagens e mensagens mesmo que estejam longe fisicamente uma das outras, existe um outro lado da moeda: o mesmo processo de globalização viabiliza a comunicação e influência entre culturas nacionais. Por mais que exista desequilíbrio de poder entre as culturas e pareça que apenas as culturas ocidentais influenciem as outras e não são influenciadas, Hall (2006) aponta que existe um movimento de contestação e deslocamento das identidades centradas em uma cultura nacional, gerando uma diversidade de identidades. Esse movimento de contestação vem justamente das culturas não ocidentais que vão contra todo o poder ocidental, seja pelos resultados da globalização refletidos pela grande difusão dos meios de comunicação ou até mesmo pelo fator das migrações - na maioria das vezes involuntárias - que faz com que as culturas nacionais mesmo que tentem “se fechar”, sejam influenciadas pelas diferenças contidas dentro delas mesmas.

Certeau (1998) aponta para a importância dos *usos* feitos pelos indivíduos em suas *táticas* diárias contra as culturas dominantes e explica que nem tudo o que é imposto pelo lado “mais forte” é apenas aceito pelo lado “mais fraco” (em termos de poder legitimado na sociedade). Essas táticas correspondem às formas de reorganização e desorganização dos espaços e ordens impostas no meio cultural que permitem aos sujeitos subverterem as regras nas práticas do cotidiano. Daí vem o conceito de *praticantes* (Certeau, 1998): os sujeitos que subvertem a ordem “tradicional”, a ordem projetada pela elite através de suas práticas diárias,

no seu fazer diário. O movimento existente na sociedade não é apenas configurado por um lado ativo e outro meramente passivo. Existe ação dos dois lados. Para Certeau,

a presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU,1998, p.40)

Sendo assim, a literatura marginal-periférica, com seu viés de contestação das estruturas de poder, denúncia de opressões e valorização de grupos sociais vistos como à margem do centro, tem a possibilidade de influenciar o deslocamento e construção de identidades. Como a literatura é um dos pontos de disputa da construção da imagem da cultura nacional através das narrativas, e, por consequência, um dos pontos de disputa da construção de identidades, as narrativas marginais-periféricas seguem sendo de suma importância nesse campo. Sejam elas difundidas através de livros, saraus, slams ou vídeos de internet, seguem demarcando lugar nessa disputa sem se calar e contribuindo cada vez mais para o debate acerca das pluralidades de identidades.

## 2.2 Dessacralizando a literatura: Vozes da periferia

Mesmo com as regras impostas ou já naturalizadas na sociedade pela cultura dominante, a literatura marginal-periférica apresenta *táticas* (CERTEAU,1998) que subvertem a lógica social projetada pelas elites. São essas táticas que viabilizam que *os usuários "façam uma bricolagem" com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras* (CERTEAU,1998, p.40). Um exemplo que pode ser explicitado sobre isso é a existência - e por que não resistência? - do Sarau Cooperifa e a maneira como ele acontece. Contrariando a lógica que se espera para o formato de um encontro literário, Sérgio Vaz iniciou o movimento de fazer um sarau em um bar na periferia de São Paulo. Como o autor costuma dizer, *a Cooperifa é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade*.<sup>11</sup> (VAZ, 2022). O bar sempre foi um local de encontro nas periferias do Brasil, onde as pessoas se encontram para falar da vida, seja para celebrar vitórias ou lamentar derrotas, e foi em um espaço como

<sup>11</sup> Disponível em <<<https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/74934/sergio-vaz-nao-sou-de-esquerda-sou-do-porao>>> acesso em 10 de junho de 2022

esse que, em 2001, Sérgio Vaz e Marco Pezão decidiram fundar o Sarau da Cooperifa. Inserir a literatura e poesia nesse ambiente fez com que o bar se assemelhasse a um centro cultural. Virou mesmo um centro e ponto de referência de cultura onde toda terça-feira, de 20:30h às 22:30h, acontece o sarau. Além do sarau no bar do Zé Batidão, a Cooperifa promove outros movimentos, como por exemplo, a Mostra Cultural Cooperifa em que leva ações culturais a diversos espaços. Em outubro de 2019, a 12ª Mostra Cultural da Cooperifa levou literatura, teatro, circo, música, palestras e debates para espaços como Sescs e Fábricas e cultura (espaços educativos) de São Paulo. Dentre os diversos eventos em que Sérgio Vaz esteve presente com sua literatura, eu tive a oportunidade de participar de um em especial: o Sarau Língua Afiada. Esse sarau acontece em uma parceria do Museu da Língua Portuguesa e Sérgio Vaz declama suas poesias normalmente no saguão central da Estação de trem da Luz, em São Paulo. Nessa oportunidade pude conversar rapidamente com o poeta antes de começar o evento e também recitei uma poesia autoral no sarau.



Fonte: Arquivo pessoal

Escolas também são espaços onde a Cooperifa e Sérgio Vaz atuam intensamente. Através de saraus, debates e palestras se difunde a literatura periférica para horizontes cada vez mais vastos. Um episódio de quando Sérgio Vaz começou a ir a escolas convidado por um professor me chamou atenção. Ele conta:

No começo, quando eu fui na primeira escola há muitos anos atrás, eu fui a convite de um amigo professor para falar e eu não sabia falar. Ainda não sei, mas eu não sabia direito o que eu ia falar, como eu ia conversar. Mas eu lembro que um jovem perguntou: "Professor, como ele pode ser escritor, se todo escritor já morreu?" E aquilo bateu muito forte, imaginar que a visão que os jovens têm do escritor é que ele já morreu. E talvez ele não estivesse totalmente errado, porque grande parte já morreu apesar da sua importância, e talvez muitos eles não irão conhecer. Aí eu fiquei pensando: puxa, eu escrevo com a periferia, escrevo sobre isso, e será que eu vou ter que morrer para eles conhecerem o meu trabalho? E comecei a pedir para os meus amigos e amigas professoras para me convidarem, e não parei mais. (VAZ, 2021)<sup>12</sup>

Para o jovem citado na passagem, a única versão de escritor que existia em sua mente era representada pela imagem de pessoas tão distantes em termos de tempo e espaço, que ele só conhecia escritores que já haviam morrido. Não conhecia a possibilidade de um escritor viver num ambiente parecido com o que ele vivia e no mesmo tempo em que ele vivia. Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, nos alerta para *O perigo da história única* (2019) no livro originado de uma palestra sua de mesmo título. No livro e na palestra, a autora retrata como sua chegada aos Estados Unidos foi marcada pela visão precipitada das pessoas em relação a ela. Os estadunidenses com quem ela teve contato na sua chegada ao país ficavam surpresos por ela saber falar inglês, presumiam que ela passara fome na infância e que sua família era muito pobre. Quando ela explicava que inglês era a língua oficial de seu país, que nunca passou fome e que seus pais eram formados, trabalhavam e sustentavam satisfatoriamente seu lar, todos ficavam estupefatos. Ela conclui que a única versão de país africano que foi apresentada para aquelas pessoas era o do lugar pobre, miserável onde todos passavam fome. Mesmo ela tendo vivido momentos difíceis na sua infância, não era só a dificuldade financeira que definia sua vida. Ela diz: *todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para muitas outras histórias que me formaram.* (ADICHIE, 2009, p.26). A autora discorre sobre a importância de haver diversas narrativas, principalmente a difusão das narrativas que não estão na grande mídia. As narrativas dos sujeitos que não estão num patamar de poder na sociedade que domina o cenário das imposições geradas pela grande mídia.

Tudo isso me faz lembrar da música de Emicida que diz:

---

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.brasilefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade>> acesso em 3 de fevereiro de 2022

*Permita que eu fale*  
*Não as minhas cicatrizes*  
*Se isso é sobre vivência*  
*Me resumir à sobrevivência*  
*É roubar o pouco de bom que vivi*  
*Por fim, permita que eu fale*  
*Não as minhas cicatrizes*  
*Achar que essas mazelas me definem*  
*É o pior dos crimes*  
*É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir*  
 (EMICIDA)

O autor afirma a importância de cada pessoa falar por si e não ser definida por outros, diante do ponto de vista de outros. Afirma também que, ao falar por si, a pessoa que se coloca demonstra todas as suas dimensões e não apenas a da dor que muitas vezes é descrita e colocada em evidência por outros. Em consonância com os escritos de Chimamanda Adichie e Emicida, Sérgio Vaz, uma vez perguntado<sup>13</sup> sobre a literatura que vem das periferias, afirmou que

a nossa inspiração vem da rua, do povo brasileiro, dessas pessoas que se esmagam no trem, se esmagam no ônibus, em troca de um salário indigno. Acho que essa literatura representa isso, de uma forma direta, sem atravessadores. A gente queria contar um pouco a nossa história, porque de alguma forma a gente sempre ouviu ela sendo contada de uma forma caricata, exótica. E aí nós começamos a contar a nossa história. (VAZ, 2021)

Vaz evidencia em sua fala que a literatura referida tem a característica do autor periférico colocar na sua escrita a sua vivência, quebrando o ciclo que se repetia há muito tempo de, na maioria das vezes, ter sua história contada através de “pessoas de fora”, afastadas da sua realidade. Muitas vezes essa história contada por “atravessadores” - como pontua o autor - é contada pelo viés do exotismo, justamente pela distância existente entre quem conta e quem vive o dia a dia. Ao falar em primeira pessoa, ao contar sobre o que se vive no cotidiano, o autor periférico possibilita que tantas outras pessoas que vivem em condições parecidas com as dele se identifiquem, se vejam cada vez mais representados no meio literário e até mesmo iniciem um processo de escrita a partir disso.

No trecho a seguir, Ferréz (2005) aponta a *literatura dos autores do gueto* como representante do grito do povo brasileiro.

estamos na área, e já somos vários, estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados, mostramos as várias faces da caneta que se faz presente na favela, e pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro, nada mais que os autênticos (FERRÉZ, 2005, p.11)

---

<sup>13</sup>Disponível em <<<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade>>> acesso em 3 de fevereiro de 2022

Além disso, ao se referir às *várias faces da caneta* demonstra que não existe apenas uma narrativa da periferia, mas narrativas das periferias - sim, no plural. O fato da literatura marginal-periférica ir alcançando cada vez mais espaço, ir se espalhando pelas periferias do Brasil, faz com que, cada vez mais, a diversidade de vozes, sotaques, gírias, acentuações e costumes borbulhem e se misturem enriquecendo essa literatura que já é tão rica. Na maioria das vezes em que a periferia era retratada na literatura a partir do olhar de alguém que não vivia naquele espaço, ela geralmente era descrita como se fosse uma coisa só, como se todos que vivessem ali correspondessem ao caricato desenho do periférico exótico. As escritas que partem das pessoas que vivem o dia a dia da periferia garantem a multiplicidade de olhares, perspectivas, experiências e aprendizados que acontecem no cotidiano. Nessa troca de ideia e de perspectivas, nascem novos olhares, novas ideias e novas perspectivas criando um movimento contínuo de aprendizado entre si: a informação circula.

Sérgio Vaz conta que o Sarau da Cooperifa, assim como tantos outros, tem papel importante na circulação de informações acerca do que acontece no país e como isso pode contribuir para uma tomada de decisão de agir em busca de melhoria para o que está a seu redor.

Foi ali, nessa roda de poesia, nessa roda de conversa, que muita gente descobriu o que estava acontecendo no país. Muita gente voltou a estudar porque entendeu que ali, ouvindo a poesia, ela poderia mudar a sua realidade, e de alguma forma mudar o país através da sua atitude. (VAZ, 2021)

De certa forma, isso também aconteceu comigo quando conheci e comecei a acompanhar mais de perto a literatura marginal-periférica. Através de slams e saraus que passei a frequentar, através das trocas de ideias que aconteciam nesses espaços, comecei a me atentar mais para o cenário político e social que estava à minha volta. Através do desenvolvimento do pensamento crítico e de passar a me reconhecer naquelas pessoas que estavam naqueles espaços, passei a perceber que eu também poderia ser escritora. Eu já escrevia algumas coisas há algum tempo, mas não me enxergava na possibilidade de ser escritora. Não tinha incentivo e nem vislumbrava compartilhar meus escritos. Quando conheci a literatura marginal-periférica, me identifiquei e passei a ver sentido em escrever, assim como percebi que o que eu já havia escrito fazia, sim, sentido. Nessa literatura pude me reconhecer e perceber que o que eu escrevia e a forma que eu escrevia fazia sentido. Acredito fortemente na afirmativa de Sérgio Vaz quando diz que *não é a poesia que vai mudar o país, mas, de alguma forma, essa poesia que a gente fez instigou muitas pessoas a chegarem até o*

*livro, a chegarem até o conhecimento*<sup>14</sup> (VAZ, 2021). Essa afirmativa confirma o viés formativo dos espaços como saraus e slams, assim como confirma esses espaços como espaços de saberes. Esse viés formativo configura também um viés político, pois, como o poeta fala, dá utilidade para a palavra.

Então, a gente deu utilidade para as palavras, a gente não está falando só das estrelas, a gente está falando do racismo, da fome, da intolerância religiosa, do feminismo, do fascismo. Está falando de tantas outras coisas, que agora estão na boca do povo, mas que sempre esteve na boca do povo pobre, do povo negro. (VAZ, 2021)

Cuti também aborda o viés político da literatura ao afirmar que *a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação* (CUTI, 2010, p.12). Sendo assim, pergunto: quem são as pessoas que detêm esse poder? Posso responder dizendo que há muito tempo grupos de pessoas brancas financeiramente favorecidas dominavam esse poder no Brasil, porém respondo também dizendo que há alguns anos isso vem se modificando. O mercado literário continua sendo dominado pelo grupo citado anteriormente, mas nas ruas, nos corredores e nas praças, a literatura tem abraçado outros grupos que não fazem parte do cânone literário. Como esta pesquisa é totalmente atravessada pela narrativa autobiográfica, relembro que no início desta escrita de monografia fiz questão de me apresentar através da poesia intitulada *Mulher Preta da Favela*. Sim, Mulher com “M” maiúsculo. Preta com “P” maiúsculo. Favela com “F” maiúsculo. Como escritora, acredito que o uso de letras maiúsculas e minúsculas também fazem parte dos recursos que definem o quê e como se deseja comunicar. No título da poesia, fiz questão de marcar um lugar. Não vou negar que pensei em não colocar a poesia na apresentação da monografia, mas senti necessidade de fazer isso. Senti necessidade pessoal e política de colocar a poesia-apresentação e, através dela, me colocar no mundo. Cuti já apontou que essa reflexão de autores negros sobre dizer-se negro em seu texto, ocorre há muito tempo.

Quando o escritor negro, pela primeira vez, quis dizer-se negro em seu texto, deve ter pensado muito na repercussão, no que poderia atingi-lo como reação ao seu texto. Dizer-se implica revelar-se e, também, revelar o outro na relação com o que se revela. O branco, como recepção do texto de um negro, historicamente foi hostil. Vencer essa hostilidade lastreada na postura de quem não se dispõe a dividir o poder com alguém que, por quatro séculos, teve o mínimo de poder é a grande aventura do escritor negro que se quer negro em sua escrita. (CUTI, 2010, p.51)

Decidi viver essa aventura entendendo que talvez fosse até mais fácil ter o texto aceito se essas características da minha identidade não fossem colocadas tão explicitamente no

<sup>14</sup> disponível em <<<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade>>> acesso em 3 de fevereiro de 2022

início da escrita da minha pesquisa. Ao mesmo tempo, entendo que se elas não fossem explicitadas, essa pesquisa como aqui se dá, não seria possível. O ponto de partida da pesquisa acontece antes mesmo de eu entrar na faculdade. Antes de ser acadêmica eu sempre fui mulher, preta e da favela. Escolhi desenvolver essa pesquisa sem o peso de esconder quem sou. Foram tantos anos tentando me ocultar e/ou sendo ocultada, que, ao conhecer a literatura marginal-periférica, percebi que minha voz e escrita finalmente poderiam ecoar mundo afora. Mais que isso: poderia transformar positivamente o mundo. Com a literatura marginal-periférica percebi que eu não precisava me encaixar em formas e conteúdos canônicos para escrever. O jeito que eu já escrevia e sobre o quê eu escrevia, eram sim válidos. Há uma grande diferença entre escrever sobre uma escritora-mulher-negra-periférica e escrever sendo essa escritora-mulher-negra-periférica. Essa pesquisa sobre a potência formativa da literatura marginal-periférica poderia ser feita por alguém que não tem essa vivência, mas seria diferente. Sem dúvidas. Melhor? Pior? Essa não é a questão, mas seria diferente. Parafraseando Racionais Mc's: *eu num li, eu não assisti*, eu sou a escritora que viveu e vive tudo o que escreve. Assim como tantos escritores negro-brasileiros quando começaram a escrever, me posiciono sobre minha identidade sabendo da importância disso. Cuti, sobre o fato dos escritores negro-brasileiros que fizeram questão de escrever sobre sua negritude, aponta:

Eles são todos brasileiros e sabem da importância de se dizerem negro-brasileiros. E por que, se ninguém está perguntando? Não é nenhuma pergunta que eles respondem. Eles contradizem uma afirmação. Qual? De que "negro" é isso e aquilo de ruim, de negativo etc. Eles estão afirmando que não são o que os brancos, por meio da estereotipia, criaram para o próprio deleite e afirmação da branquitude. Esses poetas estão dizendo que são o que são e não isso e não aquilo que para eles foi inventado; estão dizendo que detêm o controle do próprio destino e propondo outro discurso. Essa afirmação é importante para o processo de tomada de consciência e para manter a disposição de seguir com entusiasmo. (CUTI, 2010, p.54)

Assim como faço questão de explicitar minha negritude na minha escrita, considero importante me colocar como mulher e periférica. Todos esses fatores se fazem importantes para que eu siga de forma inteira na pesquisa e me motiva a continuar apesar das dificuldades.

A perspectiva raciolinguística contribui para analisar a racialização através da língua e a relação entre raça e linguagem. Gabriel Nascimento (2019) em seu livro intitulado *Racismo Linguístico*, fala sobre a linguagem ser solução para construção de um novo mundo:

Sobre a linguagem, gosto bastante de analisar a sua condição epistêmica a partir de um artigo de Moita Lopes (1994), em que a analisa como condição e solução. "A linguagem possibilita a construção do mundo social e é a condição para que ele exista" (MOITA LOPES, 1994, p.331). Ou seja, quando nascemos há um mundo com condições raciais e socioeconômicas imposto aos nossos corpos (condição), mas é possível quebrar esse estado de coisas ao agir no mundo através da linguagem (solução) sendo, assim, possível construir o mundo ao nosso redor. Embora o próprio Moita Lopes não estivesse pensando nas questões raciolinguísticas, introduzo aqui esse pensamento, retornando a Rosa e Flores (2017) para refletir que, quando eles tratam da perspectiva raciolinguística nos Estados Unidos, estão pensando que o Estado sempre racializou por meio da linguagem, e é preciso adquirir uma outra lógica raciolinguística, a que tenha uma agenda de inclusão (NASCIMENTO, 2019, pg.108)

Se quando nascemos já está posto um conjunto de regras e condições raciais e socioeconômicas, através da linguagem podemos romper com esse imperativo. A partir de uma lógica raciolinguística diferente da que existe para excluir, é necessário buscar a alternativa da inclusão.

### 2.3 “Mas isso pode aqui na escola?”

A percepção de que existia uma *considerável distância entre as teorias de ensino, as propostas e orientações curriculares e o cotidiano escolar* (SOARES, 2009, pg.18) foi o que motivou Soares (2009) a experimentar outras alternativas de ensino diferentes das tradicionais, quando ingressou como professora de português na rede pública de ensino do estado de São Paulo. Em suas práticas diárias em sala de aula, começou a notar o interesse dos alunos por um certo tipo de literatura em que o ambiente onde a história se passava era mais próximo ao convívio dos estudantes - em sua maioria moradores da periferia na zona norte de São Paulo. É a partir dessas percepções que se inicia a pesquisa que resultou na sua dissertação de mestrado que tem o título de *A literatura marginal-periférica na escola*. Se por um lado a professora/pesquisadora constata uma distância entre as orientações curriculares e o cotidiano escolar ao ingressar na rede pública de ensino, por outro lado ela mesma aponta uma possível saída para esse impasse:

No Caderno do Professor de Língua Portuguesa e Literatura da área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias (2008), fornecido pelo Estado como material de base a ser seguido ao longo das aulas, aparece entre as cinco competências fundamentais a serem desenvolvidas pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio durante o 2º bimestre a seguinte: “recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para a elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sócio-cultural”. Tal afirmativa como diretriz curricular poderia ser o indício de uma transformação linguística que abrangeria não só o estudo das variantes linguísticas, mas também a leitura de textos não-canônicos e produções textuais mais abertas e experimentais dentro da sala de aula. (SOARES, 2009, pg.45)

Diante da interpretação do material fornecido pelo Estado de São Paulo em que consta as competências que se espera que os alunos desenvolvam, em conjunto com as percepções sobre os interesses dos estudantes com quem teve contato, ela coloca como alternativa possível para sua prática em sala de aula a abordagem de textos não-canônicos.

Por mais que Soares (2009) não tenha como abordagem direta na sua pesquisa os estudos com os cotidianos, seu movimento de interpretação da orientação curricular citada anteriormente juntamente com a sua tomada de decisão por incluir em suas aulas textos não-canônicos, me fez pensar em como essa abordagem podem se relacionar com sua pesquisa. Alves (2008), sobre a pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas, diz que *buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram* (ALVES, 2008, p.18). As orientações curriculares já estavam postas há muito tempo e outras pessoas já haviam tido outras interpretações, mas ela, a partir das percepções que teve junto aos seus alunos no dia a dia, “viu além daquilo que os outros viram”: viu a possibilidade de uma transformação na abordagem da literatura em sala de aula.

Em um relato de atividade que aconteceu na escola em que trabalha, a professora conta que a pergunta “mas isso pode aqui na escola?” permeou todo o processo. Era uma atividade em que os estudantes tinham que montar uma cena teatral e, por desejarem que o tema fosse algo próximo da realidade deles, pediram ajuda para ela. Decidiram escrever um texto em conjunto e o resultado final agradou. Pelo fato da cena conter atos considerados violentos (não reais, mas encenados) e uma linguagem majoritariamente coloquial, daí a indagação por parte dos estudantes se aquilo poderia ser apresentado na escola. Isso foi considerado útil, pois possibilitou o debate sobre algo que pode ser danoso na sociedade, pode se transformar em ponto de reflexão positiva através da arte.

Durante sua pesquisa, Soares (2009) constata que a *literatura marginal-periférica apresenta um papel relevante – independente do valor literário – no ensino de literatura e na produção textual escolar que é o da apropriação da escrita por parte dos grupos historicamente excluídos da cultura erudita* (SOARES, 2009, p.45). Além disso, a autora ressalta ainda que *esse jovem aluno de escola pública de periferia passa a perceber, a partir das leituras literárias experimentadas em sala de aula, uma representatividade social até então não vista nas demais obras canônicas* (p.49). Essas constatações vão ao encontro do que relata Sérgio Vaz sobre suas palestras e encontros nas escolas. O autor fala sobre a importância de estar atento ao que os estudantes demandam e desejam: *É muito importante a*

*gente falar de literatura, falar de arte na base, falar com essas pessoas, com essas crianças. Entender como é que eles querem receber a literatura, como é que eles entendem de poesia, o que eles estão falando, como estão pensando* (VAZ, 2021).

Essa busca por tentar entender o que se passa na escola e com os indivíduos que ali estão é possível na medida em que se está atento ao que se passa ao seu redor. Na pesquisa nos/dos/com os cotidianos Alves destaca a necessidade de

mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por ela, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2008, pg.19)

Sobre a perspectiva de “caminhar tocando coisa e pessoas e se deixar tocar por elas”, outro processo interessante que pode tomar conhecimento se trata da trajetória do professor William Melo e sua relação com a literatura marginal-periférica. William - ou W-Black como é conhecido no meio artístico - é professor, rapper, poeta e doutorando em educação. Em uma conversa que tivemos, ele contou que a literatura marginal-periférica teve papel importante na sua vida. Quando estava terminando o mestrado em educação se reaproximou do rap e, durante pesquisas na internet sobre isso, conheceu a poesia falada. Daí em diante se encantou com a literatura que vem das periferias. Conta que a arte foi importante para se reconhecer e se demarcar identitariamente. Para ele, a sala de aula é o lugar onde ele consegue juntar o W-Black (representando seu lado rapper e poeta periférico) com o professor William Melo. Acredita que o que ele pode gerar de impacto dentro da cultura Hip-Hop e dos slams é através das suas intervenções educacionais. Segundo ele, essas intervenções unem diversas aulas, com diversas estratégias, incluindo a arte-educação no ensino com poesia, rap e com slam. No ano de 2021, William inaugurou o Slam Clério Boechat na escola pública em que trabalha com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental na faixa etária de 11 a 14 anos. Contou empolgado sobre a primeira edição que aconteceu e relatou que os alunos se encantaram. Ao ingressar na rede pública de ensino do município de Maricá, no Rio de Janeiro, em 2019, sua ideia inicial era inaugurar um slam na escola em 2020, mas nesse ano começou a pandemia do covid-19 e esse projeto foi adiado. Em 2021 decidiu inaugurar o slam na escola mesmo que de forma remota nas aulas e foi um sucesso. Sobre essa experiência, William percebeu que existe um processo de expansão dos slams como um todo no Rio de Janeiro, mas na escola em que trabalha percebeu que essa expansão ocorre de forma mais rápida e fluida entre os estudantes do que entre os professores. Ele acredita que essa barreira entre os professores se dá ou pela falta de entendimento do slam ou pelo fato do

professor não se sentir tocado por isso. Alguns que são tocados buscam como estratégia convidar poetas para palestras ou outros tipos de ações nas escolas que atuam, mas ele ainda considera que é pouco o número de professores que fazem do slam parte integral da sua metodologia de trabalho. São poucos os que estimulam os estudantes a se organizarem na escola para a promoção de eventos desse tipo.

Uma iniciativa revolucionária na relação entre slams e escolas, surgiu com o Slam Interescolar de São Paulo. Revolucionária não só por levar o slam até as escolas, mas por organizar um campeonato de poesia entre diversas escolas. Em 2021, o Coletivo Slam da Guilhermina lançou o livro *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar* em que conta como se deram os processos de organização das cinco edições do Slam Interescolar São Paulo e outros Slams Interescolares pelo Brasil. A primeira edição do campeonato aconteceu em 2015, após o Coletivo Slam da Guilhermina ser contemplado por um edital público em que, como contrapartida, criaria um torneio de slams entre escolas. O coletivo, além de ser pioneiro na cena dos slams por ser o primeiro slam de rua do Brasil, a partir daí se tornaria pioneiro em mais uma vertente da cena - agora relacionando os slams com as escolas. O primeiro passo dado foi a partir do deslocamento dos integrantes do coletivo até as escolas da região do bairro Vila Guilhermina, na zona leste de São Paulo, para realizar oficinas de poesias faladas, escrita criativa e apresentação de slams. Seis escolas receberam as oficinas e quatro delas participaram do Slam Interescolar de 2015. Na final desta primeira edição, oito estudantes participaram e todos eles receberam certificado, medalhas e livros e a campeã, Luara Maysa, recebeu um troféu e um tablet. Curioso pensar que quase toda a premiação foi custeada pelos integrantes do coletivo e o recurso advindo do edital público citado anteriormente foi todo destinado à compra do tablet dado à campeã. Diante desse cenário, percebe-se que ainda que houvesse o incentivo do governo através do edital de incentivo à cultura, a grande parte do trabalho feito para tirar a ideia do papel só foi possível pelo empenho e dedicação dos integrantes do coletivo em conjunto com professores e membros da gestão das escolas. Entre 2015 e 2019, o Slam Interescolar de São Paulo teve cinco edições, uma em cada ano. Com o passar dos anos, o Coletivo Slam da Guilhermina seguiu organizando o campeonato e, cada vez mais experiente, foi agregando parceiros no desenvolvimento das ações. Já em 2016, na segunda edição do campeonato, o número de inscritos surpreendeu os organizadores e, sem as parcerias com outros slammers e com o Instituto Singularidades que enviou sete alunas do curso de Letras para ajudar na organização, não seria possível dar conta desse evento que se tornou bem grande. A final do

evento contou com aproximadamente 700 estudantes - entre eles os que iriam competir e os que iriam assistir - que levaram cartazes e faixas para representar suas respectivas escolas. Vale lembrar que apenas as edições de 2015 e 2019 tiveram incentivo através de edital público. A edição do ano de 2019 teve alguns destaques, tanto pelo fato do coletivo organizador estar com mais experiência, quanto pela tranquilidade maior de poder realizar as ações com suporte financeiro adquirido através do edital. O grande desafio foi organizar a maior edição existente, com 80 escolas inscritas. Se nas edições anteriores o coletivo não conseguia estar tão presente quanto gostaria durante os slams que aconteciam nas escolas como etapas preliminares da final do campeonato Interescolar, com os novos recursos o coletivo conseguiu aumentar o número de integrantes e acompanhar de perto as etapas realizadas nas escolas participantes. Dessa prática, surgiram os “poetas-formadores”. A edição de 2019 contou com nove poetas-formadores e cada um seria responsável por visitar oito escolas. Cada escola receberia duas visitas: uma para a realização de oficina de escrita poética e outra para ajudar na realização do campeonato de poesia escolar que indicaria o campeão para representar a escola na final Interescolar. O fato dos integrantes do coletivo estarem mais próximos das escolas participantes, permitiu que eles percebessem melhor o que acontecia durante todas as etapas do processo nas escolas e identificassem os pontos positivos e negativos nesse percurso. Sobre os pontos positivos destacam-se o grande apoio dos professores, o engajamento dos estudantes e a satisfação dos organizadores em trabalhar em conjunto para a melhor forma de realização do evento. Entre os pontos negativos estão alguns casos de denúncias por parte dos pais de estudantes contra integrantes do coletivo ou professores das escolas participantes. Como exemplos de denúncias formais que foram feitas podemos citar a acusação de incentivo ao “racismo reverso” por parte do coletivo - embasada equivocadamente em um vídeo da internet de um poeta que não faz parte do coletivo e nunca esteve na escola em questão. Além do Slam Interescolar de São Paulo, também existiram outros Slams similares pelo Brasil: Slam Interescolar em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Bahia e a edição do Slam Interescolar Nacional.

### 3 PALAVRA É CAMINHO

As pessoas com quem eu escolhi conversar foram dois autores periféricos e uma autora periférica: Akins Kintê, William Melo e Josi de Paula. Homens pretos e mulher preta. Essa escolha se deu pelo fato dessas pessoas serem referências para mim na literatura periférica, pela proximidade que eu tinha com elas - uns mais, outros menos, mas existia certa proximidade - e pelo fato de todos eles terem algum contato com o campo da Educação. Conheci Akins Kintê por um vídeo do YouTube em que recitava uma poesia, entrei em contato por email para comprar seu livro, em 2017 pude comparecer ao sarau que ele organiza em São Paulo e, enfim, conhecê-lo pessoalmente. O William Melo - ou W-Black como o conheci primeiro - eu conheci através de slams que eu frequentava e ele também. Antes dessa conversa feita durante a pesquisa eu só tinha falado com ele uma vez rapidamente ao término de um slam. Na ocasião eu falei que achava bem interessante ele abordar a literatura marginal-periférica na escola em que ele atuava como professor. Eu soube dessa informação através das redes sociais do próprio William. Por fim, conheci Josi de Paula no Slam Chicas da Silva, onde ela era uma das organizadoras. Eu cheguei na praça Barão de Drummond (Rio de Janeiro) certa de que iria apenas assistir às pessoas recitando, mas quando me dei conta, já estava recitando uma poesia autoral. Naquele dia, Josi me recebeu e me acolheu tão bem no slam que de lá pra cá fomos nos tornando mais próximas - além de me inspirar cada vez mais nas suas poesias também.

Akins é poeta, arte-educador, cantor, escritor, roteirista e diretor. William é poeta, rapper, professor de Ciências/Biologia e doutorando em Educação pela UFRJ. Josi é poeta, produtora e organizadora do Slam Negritude. Akins é paulista e mora em São Paulo, enquanto William e Josi são cariocas e moram no Rio de Janeiro.

No início da conversa com Akins, ele fez questão de destacar a importância da literatura negra na vida dele.

Eu tenho que dizer também que talvez antes de pensar...é de entender essa questão de literatura periférica...assim, é bom a gente falar da literatura negra também, né. Com a literatura negra a gente vai entender... com Cadernos Negros em 78, Cuti lançando de forma independente...a gente vai entender que vai ter esse lance também talvez de uma periferia de uma literatura totalmente tradicional acadêmica que nunca viu essa literatura também como, né, como parte dessa sociedade. Então esse foi o meu primeiro contato com literatura. Cadernos Negros vai ser muito importante, sabe? Uma literatura feita de forma independente, escrita por homens pretos e mulheres pretas.

Interessante pensar que até o momento dessa conversa eu não tinha lido muitas obras de Cuti, apenas alguns poemas em uma edição do livro *Cadernos Negros*. Depois dessa conversa, principalmente por esse apontamento que Akins fez logo no início, eu resolvi procurar saber mais sobre Cuti e descobri o seu livro *Literatura negro-brasileira*, que acabou se tornando um livro indispensável para esta pesquisa. Eu sempre tive nítido em minha mente que a literatura marginal-periférica tinha relações intrínsecas com a literatura negro-brasileira, mas após ler esse livro de Cuti pude entender mais ainda essa relação. Não que no livro o autor estabeleça essa relação, mas a partir do que é colocado no livro sobre a literatura negro-brasileira, eu pude entender melhor essa interface ligando ao que eu já havia vivido e lido sobre a literatura marginal-periférica. Outro ponto de entrelaçamento dessa conversa com todo o restante da pesquisa é que Akins cita a Cooperifa como sendo seu primeiro contato com a literatura periférica. Ele foi pela primeira vez ao sarau da Cooperifa em 2003 e lembra que nessa época estava acontecendo o *boom* de saraus pelas periferias de São Paulo ocupando bares, quintais e bibliotecas. Além de destacar a importância desses saraus para divulgar seu trabalho e seus livros, destaca a importância deles no âmbito da oralidade e como essa “roda de falas” faz parte da cultura negra. Esses espaços são importantes para nos fortalecer e reconhecermos nossas qualidades.

normalmente algumas pessoas querem colocar como menor. “ah essa é uma literatura menor e tal”. E o que eu acho da hora estudar e entender...por isso que é legal quando a gente entende as estruturas. A gente vê que não é menor não, mano. Essa literatura feita pelo Sérgio Vaz não é menor que ninguém, não. A literatura feita dentro das quebradas de favela não é menor, não. Não deve nada pra ninguém.

Akins atualmente trabalha como arte-educador coordenando oficinas de criação literária e editoração para jovens a partir de 14 anos de idade. Sua história com a arte-educação já vem desde 2008 quando começou a organizar oficinas na Fundação Casa em São Paulo. Em um certo momento da conversa, enquanto falávamos de como é importante para nós nos reconhecermos na literatura feita por pessoas periféricas, pessoas parecidas conosco, ele apontou a importância desse movimento que estamos fazendo hoje de levar essa literatura cada vez mais longe.

Esse movimento que nós estamos falando, ele é importante. A qual, nós enquanto criança e adolescente nós não tivemos isso nem a pau. Quase ninguém... pelo menos na minha biografia pessoal me deu essa referência pro estudo, o prazer por isso. Foi o rap que fez, sabe? “Vai ler, vai se gostar”. Era praxe, eu dentro da Fundação Casa pegar um rap do Facção Central e conseguir trabalhar Machado de Assis a partir disso. Pegar um funk do Mc Lon e trabalhar Cruz e Souza porque é o mesmo tipo da rima. E aí você conversar muito mais de Cruz e Souza do que de Mc Lon. Mas isso é o educador que tem que se propor de tirar a vaidade dele, descer um degrau e conversar com esse educando. E dizer: “Bora. Que que cê tá ouvindo no

dia a dia?”. E a partir daí a gente conseguir ver as pessoas aprender a ler e ler com mais prazer, com orgulho.

O destaque para o papel do educador também é algo que me chamou a atenção nessa fala. Assim como é colocado por Soares (2009), Akins demonstra que essa literatura periférica que tem ligação direta com o universo do jovem que está no espaço educativo, pode ser a porta de entrada para o mundo literário. No exemplo, ao relacionar a música de Mc Lon à escrita de Cruz e Souza, o educador aciona o universo do estudante - o que ele está ouvindo no dia a dia - e traz a escrita de outro autor para dialogar com esse universo.



Akins Kintê (Fotógrafo: Léo Britto / Fonte: Instagram<sup>15</sup>)

---

<sup>15</sup> Disponível em < <https://www.instagram.com/p/CbGhVCLrffA/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>

Josi de Paula teve seu primeiro contato com a literatura marginal-periférica através do slam. Ela já escrevia desde os 14 anos de idade, mas em 2017, após ir a uma roda de rima e se sentir extremamente tocada por aquilo, percebeu que já estava há 10 anos sem escrever. O fato de presenciar uma roda de rima pela primeira vez fez Josi perceber que o que ela escrevia há tanto tempo atrás era parecido com aquilo que era falado nas rimas da roda. Esse foi o ponto de acionamento da sua memória de escrita. Uma semana após esse episódio, ela foi a um slam pela primeira vez e recitou - mesmo com receio de falar em público - uma poesia autoral. Sobre esse primeiro contato ela conta: “meu coração ficou ali”. Sobre a influência da literatura marginal-periférica na sua formação pessoal, Josi diz que:

Esse tempo todo e a poesia foi uma das coisas que me salvou. Na verdade, com o slam eu descobri uma paixão na minha vida que eu não sabia que eu tinha. Mudou a minha vida.ter o encontro de uma coisa que eu amo fazer. Isso me faz bem...eu fazer o que eu gosto, encontrar pessoas que eu gosto, que compartilham da mesma paixão (...) encontrei uma coisa que eu gosto, que eu consigo unir a minha militância com a arte...é uma coisa que me faz aprender todos os dias. Como pessoa, me ajuda, sabe?

Além da sua perspectiva enquanto alguém que percebeu a influência da literatura marginal-periférica em sua formação pessoal, Josi também trouxe uma perspectiva formativa do slam enquanto alguém que organiza slam e vê no dia a dia das ruas o impacto desse movimento:

o slam tá salvando vidas. Não só da gente que tá descobrindo a potência da arte, salvando a gente do lugar que determinaram que a gente ia tá por que a gente não tem oportunidade. A cultura e a educação são temidas por que quem tem educação e quem tem cultura não abaixa a cabeça pra essas coisas que tão acontecendo. Eles sabem disso. E por isso que quando você muda governo e entra governo reacionário, a cultura é logo atacada...porque a arte tem o poder de transformar... Então o slam...a arte periférica tá dentro do território fazendo e as crianças vendo aquilo....tem o poder não só de formar (...) tem o poder de formar o nosso povo.



Josi de Paula (Fotógrafo: Carlos Erbs JR. / Fonte: Instagram<sup>16</sup>)

Josi ainda aborda a importância do slam no sentido de ampliar as possibilidades de futuro que a juventude vê como viáveis para si:

Uma amiga, Roberta Ribeiro que fala : “ a gente já tá acordado, mas tem alguns dos nossos que não estão acordados” Então talvez alguém ali no slam ver o cara falando... (...) então o papel de formação do slam ele é absurdo na questão de tá junto com a juventude, de trazer outras possibilidades, mas também de formar pessoas. De fazer com que o menino e a menina consigam ver aquilo ali, por mais que a gente não consiga mudar a realidade como a gente gostaria, mas faz a gente não aceitar algumas coisas e faz a gente mudar as nossas posturas, sabe?

Diante dessa fala percebo que Josi, ciente do seu fazer e do impacto que o fato do slam ser em locais públicos pode gerar, entende o papel do slam como também agente formador de pessoas. Ao afirmar que o slam *pode fazer a gente não aceitar algumas coisas e faz a gente mudar as nossas posturas*, identifica o viés de transformação social que o slam pode alcançar.

---

<sup>16</sup> Disponível em < <https://www.instagram.com/p/B4wDM-QJKDJ/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>

William Melo destacou na nossa conversa, a satisfação em revisitar as memórias sobre sua carreira artística, sua relação com os slams e a escrita.

Obrigado pelo convite...é até bom falar disso, né, porque tem um tempo que eu não revisito essas memórias, né, que começaram em 2017. É... eu gosto muito de revisitar essas memórias na verdade que foi um momento muito especial pra mim, assim, o início da minha carreira artística...foi um momento que me marcou muito porque eu estava no final do meu mestrado, também na UFRJ, em Educação ...e eu estava ali, né, lendo as coisas e começando a me remexer com algumas questões ligadas ao aspecto racial e tudo mais.

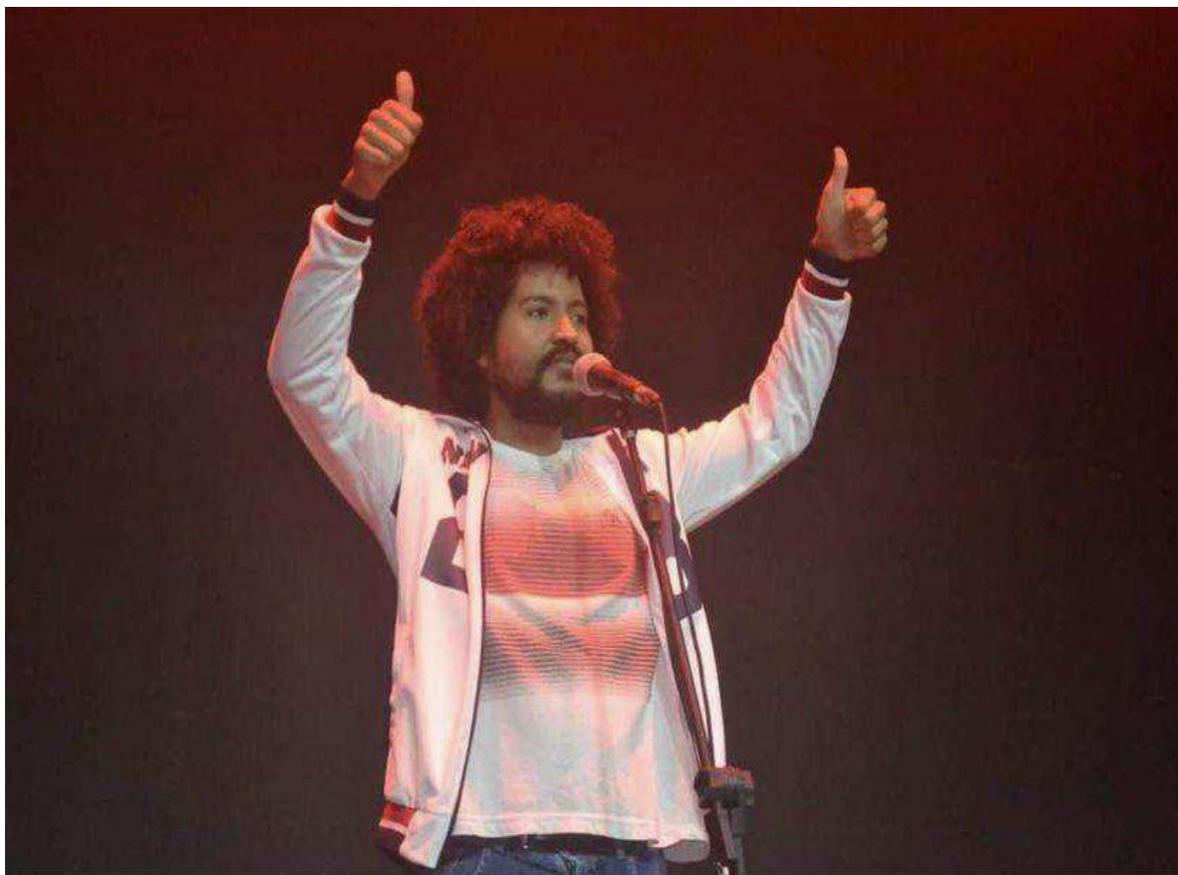
Destacou também como o início da sua carreira artística coincide com o período final do seu mestrado em Educação e isso é algo importante para entender como se constrói a relação do seu fazer nas artes com seu fazer acadêmico e profissional. A construção da sua identidade é fortemente marcada pela arte, especialmente pelo movimento dos *slams* e do rap:

Além de me transformar enquanto pessoa...a arte me ajudou a me demarcar identitariamente(...) me ajudou, para além de ser uma pessoa melhor, a arte me ajudou a me identificar no mundo. (...) naquele momento da minha trajetória eu tava começando a olhar um pouco pra minha história . Porque a gente vai traçando a trajetória acadêmica e a gente não olha muito, né. (...) eu tava começando de novo a olhar pra minha trajetória, ler as coisas, me ver nas coisas que eu lia, entender as desigualdades raciais que eu sofria, que eu não tinha muita consciência antes.... Quando o W-Black vem, que é essa persona artística , de colocar pra fora na forma de muisca, na forma de rap, na forma de poesia recitada em slam...eu comecei a me demarcar mais fortemente como homem negro. (...) o quanto W-Black me ajudou a me demarcar racialmente enquanto indivíduo, enquanto homem negro de origem periférica. Então eu acho que a literatura marginal, por meio da poesia, por meio do rap, mas especialmente por meio do slam, me fez ver outras pessoas como eu, que vinham de lugares como eu vim, falar do jeito que eu falava na poesia e falar dos temas que eu falava. Minha autoestima melhorou absurdamente.

Foi através da sua persona artística que William passou a se demarcar identitariamente. Especialmente através do slam, passou a perceber similaridades entre si e outras pessoas que já recitavam poesia marginal, fazendo com que sua autoestima melhorasse. Interessante pontuar que esse processo é muito parecido com o que aconteceu comigo quando conheci a literatura marginal-periférica. Tive a mesma sensação de me impactar em ver uma pessoa parecida comigo, falando sobre coisas que aconteciam no meu cotidiano enquanto pessoa da periferia e além de tudo isso, rimando. Foi como se eu descobrisse que a poesia também era para mim, não era mais algo distante. Sobre a relação da literatura marginal-periférica, através dos slams e saraus, e a educação, ele diz:

pra mim é uma coisa só, na verdade. Eu via como coisas muito separadas, mas hoje eu vejo como coisas extremamente conectadas. Acabei de criar um slam na minha escola, o Slam Clério Boechat (...) Pra mim hoje, W-black e professor William Melo estão extremamente conectados. Eu conecto tudo numa mesma persona, porque eu acredito que hoje o meu maior papel dentro do hip hop como um todo, é o papel educacional. Então na verdade eu acho que o que eu posso gerar de impacto dentro da cultura hip hop, dentro do slam, é por meio das minhas intervenções educacionais. E dentro dessas intervenções educacionais eu junto aulas das mais

diversas, com as mais diversas estratégias, incluindo a arte-educação. Incluindo a poesia, incluindo o ensino com o rap, incluindo a arte do afeto em que encaminho músicas pros alunos e poesias, incluindo as aulas que a gente faz com o slam. Hoje na verdade não tem separação. Eu tento juntar muito as duas coisas na sala de aula (...). Só que a minha parcela de contribuição é 100% educacional, na escola com os alunos, lá em Maricá. Pra mim na verdade não tem nem separação entre o slam fora da escola e o slam dentro da escola. Acho que ambos têm um papel formativo impressionante.



W-Black / William Melo (Fotógrafo: Rennan Leta / Fonte: Instagram<sup>17</sup>)

Diante da percepção da potência formativa da literatura marginal-periférica através do slam, William nos mostra como as estratégias educacionais adotadas por ele estão intimamente ligadas ao que ele aprendeu durante sua trajetória artística e são também influenciadas por tudo o que ele aprendeu com o slam e o hip hop.

---

<sup>17</sup> Disponível em < <https://www.instagram.com/p/BmJ7fvLBeVS/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>> >

#### 4 ONDE A GENTE SE ENCONTRA

Vejo as vivências de Akins, Josi e William se entrelaçarem com as minhas em tantos aspectos que naturalmente em nossas conversas surgiam algumas frases como:

- *Sabe aquela poesia? (recita uns versos)*
- *Nossa, eu adoro!*
- *Esse poeta é sensacional. A primeira vez que vi ele recitando, me arrepiei*

ou

- *Lembra aquele dia do slam no centro?*
- *Lembro, eu tava lá também!*

E assim nós íamos revivendo lembranças sobre alguns episódios que vivemos em comum.

Uma questão que apareceu em todas as conversas é sobre a importância que a literatura marginal-periférica tem em mostrar para nós que existem pessoas parecidas conosco, que falam como a gente, falam sobre o que passamos no cotidiano das periferias e que elas são escritoras, poetas e tantas outras coisas que antes não imaginávamos que podíamos fazer também. Foi a partir do momento que eu vi que alguém parecido comigo estava escrevendo e recitando sobre assuntos do meu dia a dia, que eu me percebi enquanto alguém capaz de também fazer isso. Só então eu entendi que eu também poderia ser escritora e falar de temas que transbordavam do meu ser, mas que antes pareciam pequenos ou inválidos para compartilhar com o mundo. Só ao ver que teve alguém que escreveu algo tão próximo do meu cotidiano e eu me identifiquei tanto, foi que me dei conta que escrever da forma que eu escrevia e abordar os temas que eu abordava, também poderia impactar positivamente outras pessoas - assim como fui impactada. Sendo assim, finalmente me entendi como escritora.

Outro ponto que surgiu em todas as conversas e está intimamente ligado a esse anterior, é a questão de como esse “se reconhecer no outro” a partir da literatura marginal-periférica influencia positivamente na autoestima das pessoas. No meu caso, a literatura marginal-periférica me ajudou a conseguir me expressar melhor através da escrita. Por ter sido sempre muito tímida durante toda infância e adolescência - ou silenciada pelos diversos aspectos do racismo - tinha muita dificuldade em expressar verbalmente meus posicionamentos e reflexões, mas achei na escrita uma forma de expor e compartilhar minhas reflexões, sentimentos e opiniões. Com a evolução da escrita, essa confiança em expor meus

posicionamentos passou a refletir também positivamente na maneira verbal de me comunicar. Se durante toda a minha trajetória escolar eu desejei ser invisível - assim como Emicida constata nos versos *E é incrível, quantos de nós senta no fundo da sala pra ver se fica invisível* (EMICIDA, 2010), agora faço questão da minha escrita ecoar por aí, já tendo publicado poesias autorais em um livro coletânea e estar organizando um livro de contos, juntamente com outras autoras negras, que será lançado em breve.

O viés formativo da literatura marginal-periférica, sobretudo através do *slam*, apontado por Josi de Paula e William Melo indicam que ele independe do espaço em que acontece e tem como característica a ausência de barreiras e ausência de mecanismo de seleção sobre quem pode acessá-lo.

Tem o nosso impacto quando a gente começa a frequentar o slam, mas tem o impacto que a gente gera nas pessoas que nem estão no movimento...como é na rua...uma coisa que eu acho absurdo e nenhum outro movimento tem isso...porque a gente tá na rua e aí o cara tá vendendo hambúrguer e o cara tá escutando...o cara preto tá te escutando e ele: “pô nunca pensei nisso”. as pessoas tão passando com a criança e a criança pára: “mãe eu quero ver”. (William)  
Então o slam...a arte periférica tá dentro do território fazendo... e as crianças vendo aquilo...tem o poder de formar o nosso povo. (Josi de Paula)

Destaca-se o grande poder de alcance dos *slams* pelo fato da maioria deles acontecerem em espaços públicos, fazendo com que qualquer pessoa que esteja naquela região do evento ou simplesmente passando por ali, possa ouvir e refletir sobre o que está sendo expressado naquele ambiente.

O rap surgiu nas conversas como grande inspiração tanto para Akins, William e Josi, quanto para mim. Seja na infância ou na adolescência, em algum momento nós tivemos a influência do rap em nossas vidas como elemento fomentador do pensamento crítico a partir dos questionamentos da estrutura social presente em suas letras. Akins chegou até a relacionar o viés da produção independente, que era marca do rap brasileiro nas décadas de 1980 e 1990 - quando chegou ao Brasil - com o modo independente de publicação da literatura feita nas periferias.

quando a gente pensa nas antigas, isso daí, de falar “ caramba, como um grupo tipo Racionais consegue chegar em lugares que não chega nem grande mídia, nem pequena mídia e as pessoas estão ouvindo “Diário de um detento”, ouvindo “Capítulo 4 , versículo 3”. Então nisso o rap foi mil grau, da clandestinidade...o rap puxou esse bonde de falar "ninguém vai esperar a grande mídia”. Depois o funk pegou isso da hora... e talvez a nossa literatura também tenha referência do rap, essa coisa da independência, essa coisa de não esperar... não esperar que uma grande editora abra as portas pra nós.

A publicação de livros de forma independente, sem o atravessamento de uma grande editora, é uma marca da literatura marginal-periférica. A fala de Akins nos indica que o rap pode ter contribuído para essa estratégia, no sentido de buscar alternativas para o compartilhamento de suas obras sem precisar do aval da “grande mídia” ou das grandes editoras.

## 5 TODO FIM É UM RECOMEÇO

No início do texto, trouxe como objetivo investigar a potência formativa da produção literária marginal-periférica a partir das narrativas de nós, escritores periféricos. Hoje, após as conversas, compreendo que muitas novidades surgiram acerca dos meus conhecimentos sobre o tema e percebi outros tantos pontos em comum entre minha trajetória literária - e por que não de vida também? - e a dos autores com quem conversei.

Quando escolhi como abordagem metodológica a pesquisa narrativa e a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, sabia que não teria como prever ou indicar como se daria o decorrer desta pesquisa. Não sabia os caminhos por qual passaria, quase como água de rio que não sabe para onde cada pedra em seu percurso te levará. Mergulhar nesse mar - que é literatura marginal-periférica para mim - tão profundamente como mergulhei e sigo mergulhada, demonstra que não poderia adotar uma metodologia que exigisse que eu me distanciasse do que seria pesquisado. Uns chamariam de objeto, eu já prefiro construir a pesquisa junto com os meus. Digo junto, pois a narrativa (auto)biográfica foi o ponto de partida, mas como “andorinha só não faz verão”, me juntei a outras vozes-asas para voar pelos céus das nossa vivências e desenhar um arco-íris de perspectivas-cores.

Entre vôos e mergulhos, pude perceber que mergulhar na pesquisa também foi mergulhar em mim. Se visitar de forma sincera não é tão fácil quanto parece. Num misto de episódios rememorados e sentimentos remexidos, chego mais forte a esse ponto de recomeço. Não é fim, pois seria impossível colocar um ponto final conclusivo numa pesquisa que me toma por inteiro. Eu vivo a literatura marginal-periférica todos os dias. Esse ponto final só é possível se for para iniciar um novo parágrafo em seguida, pois a vida continua. Os saraus continuam, os slams continuam, os livros continuam, as ruas estão aí ensinando todo dia.

As narrativas apresentadas até aqui foram de profunda importância para o entendimento de forma mais ampla do que me propus pesquisar, ainda assim compreendo que é possível aprofundar muitas outras reflexões que surgiram durante as conversas tecidas, mas não couberam a esta escrita. Durante o caminho foi possível encontrar respostas e questionamentos, descobertas e constatações, dores e alegrias, além de muito reconhecimento pelo viés formativo da literatura marginal-periférica. O entrelaçar da minha trajetória com a trajetória dos autores periféricos com quem conversei e as contribuições dos outros autores trazidos nesta pesquisa demonstram isso.

Se eu precisasse escolher um trecho de poesia que refletisse o que foi tecido nesta pesquisa, seria:

*eu vim falar da retomada  
ter de volta cada grão que nos foi tirado  
De tecermos nossas redes  
Caminharmos lado a lado  
Fortalecer nossos fazeres  
Disseminar nossos saberes  
Resgatar nossa memória  
Reescrevendo cada linha dos livros de história*  
(Josi de Paula)

Relaciono esses versos com o objetivo inicial da pesquisa, pois entendo que falar de retomada, de disseminar nossos saberes e resgatar nossa memória faz parte do potencial formativo da literatura marginal-periférica. Ao escrevermos e recitarmos nossas vivências partindo do olhar de quem mora nas periferias, estamos informando a tantos outros como nós que podemos ser escritores, poetas, e tudo o mais que quisermos. Outras narrativas, diferentes daquelas que o cânone literário colocava como únicas possíveis, estão sendo difundidas. Estamos escrevendo nos livros, recitando nas ruas - e até mesmo gritando quando necessário - que, sim, vamos continuar nos inspirando uns nos outros para transformar para melhor nossas realidades e, conseqüentemente, a sociedade.

Se por um lado temos a alegria em perceber a literatura marginal-periférica como ferramenta importante na valorização das culturas das periferias e promoção do incentivo à leitura, por outro lado temos o viés de luta inerente à mesma. Essa literatura é também ferramenta de luta e de denúncia das opressões. A estrutura racista do mundo em que vivemos não nos permite estarmos alheios aos acontecimentos gerados por isso, mas a literatura marginal-periférica se faz presente na tentativa de transformar essa realidade através das palavras e tudo mais o que a compõe. Nem sempre escolhemos estar na luta, mas somos convocados diariamente a estar. Não conseguimos ainda atingir o patamar de liberdade que gostaríamos, mas seguimos escrevendo como quem acredita que podemos pelo menos contribuir para chegar lá. Como diz Sérgio Vaz: *revolucionário é todo aquele que quer mudar o mundo e tem a coragem de começar por si mesmo* (VAZ, 2020, p. 59).

Por seguir acreditando no poder da palavra é que continuo lutando. Por acreditar que a literatura marginal-periférica pode ser agente transformador da sociedade é que sigo de pé e buscando aprender cada vez mais sobre os caminhos que posso seguir com ela. Por não desistir é que deixo o trecho a seguir como reflexão deste ponto de recomeço:

*E a gente ajunta adversário porque  
vive com orgulho.  
“O bagulho é louco e é necessário ser  
mais louco que o bagulho.”  
Vem chegando dia 20,  
o dia da consciência de que radical  
é o militante cansado de ter paciência.  
Mas a gente tenta, porque na prática  
o método aperfeiçoa  
A gente vem falar rimando para ver  
se não magoa.  
Mas se vocês ainda estão escutando  
é porque a gente não fala a toa.  
(NASCIMENTO, 2021, p.27)*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho**: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (orgs.) *Pesquisas dos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Coleção: Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação. Petrópolis, DP et Alii, p. 15-38, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 3ª ed. 1998.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011

CUTI [Luiz Silva]. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma; Sony Music: 2019

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

\_\_\_\_\_. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009

\_\_\_\_\_. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017

\_\_\_\_\_. **CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”**. Itau Social, 2020. Disponível em <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>> . Acesso em: 19 de outubro de 2021

FERRACO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FERRÉZ (org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. São Paulo: Agir, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por 65 emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2ª ed., 2018

\_\_\_\_\_. **RAÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL: À PROCURA DE JUSTIÇA**. e-Curriculum, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, jul. 2019. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-38762019000301015&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762019000301015&lng=es&nrm=iso)>. acesso em 22 de maio de 2022. Epub 28-Oct-2019. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i3p1015-1044>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LEITURAS BRASILEIRAS. **CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência**. YouTube, 6 de fevereiro de 2020. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>> Acesso em 15 nov 2021

MARQUES, Luciana Pacheco. **A conversa como caminho metodológico na pesquisa com os cotidianos**. In: RIBEIRO, Thiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento Editorial, 2019

NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**: A pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

NEVES, Gabriela Silva; HECKERT, Ana Lucia Coelho. **Escrevivência**: uma ferramenta metodológica de análise. *Mnemosine* Vol.17, nº1, p. 139-162, 2021.

RIBEIRO, Thiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RODA VIVA. **Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afrobrasileiros**. YouTube, 6 de setembro de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>> Acesso em 15 nov 2021

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS. Boaventura de Sousa. **Fim do Império Cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2019.

SOARES, Mei Hua. **A literatura marginal-periférica na escola**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.48.2009.tde-30042009-143257. Acesso em: 2021-01-21.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Org.). **Memória e formação de professores**. (online). Salvador: EDUFBA, 2007. 310p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 23 out. 2021

VAZ, Sérgio. **O que é literatura periférica?**. 30 de julho de 2018. Facebook: Sérgio Vaz . Disponível em: <<https://www.facebook.com/354571867955570/posts/pfbid0a4cDjDiY29T8M54ha6JZjh5Px>>

[4Vr4vqN3ERK8AZxKiP5Z9NQA5TFVAeq3UYAuuhml/?d=n](https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade/) >. Acesso em em 4 de janeiro de 2022

\_\_\_\_\_. **Literatura, pão e poesia**. 2.ed. São Paulo: Global Editora, 2020

\_\_\_\_\_. **Sérgio Vaz: "Poesia para mim é quando ela desce do pedestal e beija os pés da comunidade"**. Brasil de Fato. 2021. Disponível em <[https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade](https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade/)> Acesso em 3 de fevereiro de 2022

\_\_\_\_\_. **Sérgio Vaz: 'não sou de esquerda, sou do porão'**. OperaMundi. 2022. Disponível em <[https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/74934/sergio-vaz-nao-sou-de-esquerda-sou-do-pora](https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/74934/sergio-vaz-nao-sou-de-esquerda-sou-do-pora/)> Acesso em 10 de junho de 2022